



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

Yarlla Gabrielly Borges de Sousa

O Conhecimento Científico e o Conhecimento Popular das Ervas Medicinais do
Quilombo Dona Juscelina, com Enfoque no Ensino De Química

Araguaína-TO

2024

Yarlla Gabrielly Borges De Sousa

O Conhecimento Científico e o Conhecimento Popular das Ervas Medicinais do
Quilombo Dona Juscelina, com Enfoque no Ensino De Química

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Química Licenciatura da Universidade
Federal do Norte do Tocantins como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciada em
Química.

Orientador (a): Profa. Dra. Jane Darley Alves dos
Santos.

Araguaína-TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B732c Borges de Sousa, Yarlla Gabrielly.

 O Conhecimento Científico e o Conhecimento Popular das Ervas Medicinais do Quilombo Dona Juscelina, com Enfoque no Ensino De Química. / Yarlla Gabrielly Borges de Sousa. – Araguaína, TO, 2024.

 74 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Química, 2024.

 Orientadora : Jane Darley Alves dos Santos

 1. Ervas medicinais. 2. Grãos. 3. Quilombo. 4. Sequência Didática.
I. Título

CDD 540

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Yarlla Gabrielly Borges De Sousa


**O Conhecimento Científico e o Conhecimento Popular das Ervas Medicinais do
Quilombo Dona Juscelina, com Enfoque no Ensino De Química**

Aprovado em: 06/07/2024


Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de Licenciado em Química, sendo aprovada em sua forma final pela banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **JANE DARLEY ALVES DOS SANTOS**
Data: 07/07/2024 11:46:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Jane Darley Alves dos Santos (UFNT – Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **YONIER ALEXANDER OROZCO MARIN**
Data: 08/07/2024 10:51:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Yonier Alexandre Orozco Marin UFNT – Professor avaliador)

Documento assinado digitalmente
 **ANA ROSA CARVALHO DE OLIVEIRA**
Data: 10/07/2024 22:01:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ms. Ana Rosa Carvalho de Oliveira (UFNT – Professora avaliadora)

Muricilândia – TO, 06 de julho de 2024

Aos meus pais, João de Deus e Natalia Maria, meus irmãos João Antonio e João Manoel, meu namorado Mauro André. Vocês foram importantes fontes de inspiração e incentivo para a conclusão deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me proporcionado concluir este curso.

À minha família pelo incentivo e total apoio na realização deste sonho.

Agradeço a minha orientadora professora Dr. Jane Darley pelas orientações deste trabalho de conclusão de curso, por todo amor e dedicação em transmitir os seus saberes.

Agradeço a minha comunidade quilombola, o Presidente do Quilombo Manoel Filho Borges, os griôs Dos Santos, Eurânia, Geraldo Delmondos, Lena e Rosa Mirtes pela disponibilidade e por todos os seus ensinamentos.

RESUMO

A utilização de ervas medicinais é uma prática ancestral que tem sido transmitida oralmente ao longo das gerações, sendo esse saber transmitido em diversos aspectos do cotidiano. Sabe-se que as comunidades quilombolas mantêm e praticam as tradições de seus antepassados, incluindo uso de plantas medicinais como alternativa para tratar suas doenças, é por isso que o objeto de estudo do presente trabalho é o conhecimento popular das ervas medicinais pelos Griôs da comunidade Quilombolas Dona Juscelina do município de Muricilândia-TO relacionado aos conhecimentos científicos no Ensino de Química. Os objetivos específicos são produzir uma sequência didática sobre os conhecimentos das ervas medicinais, vinculando o ensino de química a estes conhecimentos disseminando suas aplicações pelos griôs da comunidade. Para isso, foi feito um estudo bibliográfico envolvendo comunidades quilombolas, a própria comunidade quilombola de Dona Juscelina, ervas medicinais, a relação entre conhecimento popular e conhecimento científico e as escolas quilombolas de Muricilândia. Além disso, foi feita uma pesquisa de campo ao participar das atividades culturais do quilombo e através disso foi elaborado uma sequência didática sobre separação de misturas voltadas para alunos do primeiro ano do ensino médio dos colégios do quilombo, utilizando das ervas medicinais e baseando-se nos conceitos pedagógicos de Saviani (2011). Por meio dessa pesquisa foi possível aprofundar os conhecimentos populares do quilombo Dona Juscelina, como também expor e discutir sobre os eventos culturais deste povo, por meio da elaboração de uma sequência didática para o ensino de química. Espera-se que essa interação entre o conhecimento popular e Conhecimento Quilombola no ensino de Química seja elemento para a luta do povo Quilombola.

Palavras-chaves: Ensino de Química. Ervas medicinais. Griôs. Quilombo. Sequência didática.

ABSTRACT

The use of medicinal herbs is an ancestral practice that has been transmitted orally throughout generations, and this knowledge is transmitted in various aspects of daily life. It is known that quilombola communities maintain and practice the traditions of their ancestors, including the use of medicinal plants as an alternative to treat their illnesses. That is why the object of study of this work is the popular knowledge of medicinal herbs by the Griots of the Dona Juscelina Quilombola community in the municipality of Muricilândia-TO related to scientific knowledge in Chemistry Teaching. The specific objectives are to produce a didactic sequence on the knowledge of medicinal herbs, linking the teaching of chemistry to this knowledge, disseminating its applications among the griots of the community. For this, a bibliographic study was carried out involving quilombola communities, the quilombola community of Dona Juscelina itself, medicinal herbs, the relationship between popular knowledge and scientific knowledge, and the quilombola schools of Muricilândia. In addition, field research was conducted while participating in the cultural activities of the quilombo, and through this, a teaching sequence on separating mixtures was developed for first-year high school students at the quilombo schools, using medicinal herbs and based on the pedagogical concepts of Saviani (2011). Through this research, it was possible to deepen the popular knowledge of the Dona Juscelina quilombo, as well as to expose and discuss the cultural events of this people, through the development of a teaching sequence for teaching chemistry. It is expected that this interaction between popular knowledge and Quilombola Knowledge in the teaching of Chemistry will be an element for the struggle of the Quilombola people.

Keywords: Teaching Chemistry. Medicinal herbs. Griots. Quilombo. Teaching sequence

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Dona Jucelina, aquela ao qual o quilombo carrega o seu nome.....	21
Figura 2 – Dona Jucelina In-memória.....	26
Figura 3 – Professora Olívia em sua entrevista no I Encontro de Mulheres Conhecedoras de Plantas Medicinais do Quilombo Dona Jucelina.	40
Figura 4 – A) Griô Lena em sua fala; B) As plantas medicinais do encontro; C) As mulheres participantes do encontro; D) Roda das mulheres ao redor das plantas medicinais no Encontro.....	41
Figura 5 – Senhor Geraldo durante a entrevista.....	42
Figura 6 – A) Senhor geraldo mostrando sua plantação; B) Fruto do pomar do Senhor Geraldo	43
Figura 7 – Roda de conversa entre os jovens e os griôs.	45
Figura 8 – Algumas ervas encontradas no quintal de Dona Maria Bartolomeu; A) Boldo “grande”; B) Alecrim; C) Açafrão; D) Taioba)	49
Figura 9 – Visita ao quintal de Dona Maria Bartolomeu.....	50
Figura 10 – Algumas ervas encontradas no quintal de Seu Geraldo; A) Gervão “roxo”; B) Laranja-da-terra; C) Mandioca “mansa”.....	52
.....	52
Figura 11 – Visita ao quintal de Seu Geraldo	52
Figura 12 – Algumas ervas encontradas no quintal de Seu Geraldo; A) Manjeriçãõ; B) Hortelã; C) Alfavaca.	53
.....	53
Figura 13 – Visita ao quintal de Dona Elena	54
Figura 14 – Fotos dos jovens produzindo remédios caseiros através das ervas	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação dos nomes dos Griôs do Quilombo e seus nomes reais.	28
Tabela 2 – Ervas encontradas no quintal da Dona Maria Bartolomeu e suas características.....	46
Tabela 3 – Ervas encontradas no quintal do Seu Geraldo e suas características. ...	50
Tabela 4 – Ervas encontradas no quintal de Dona Elena e suas características.....	52
Tabela 5 – Resultados obtidos através da análise feita com Base Nos Estudos do Conhecimento Científico.	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma agrária
SD	Sequência Didática
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins
ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. CAPÍTULO 1	18
2.1 Comunidade Quilombola	18
2.2 Comunidade Quilombola Dona Juscelina	20
2.3 Ervas medicinais	29
2.4 Conhecimento Popular e Conhecimento Científico.....	30
2.5 Escolas Quilombolas	34
2.6 Escolas Quilombolas de Muricilândia-TO	36
3. METODOLOGIA: DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DE ENSINO SOBRE AS ERVAS MEDICINAIS NO ENSINO DE QUÍMICA	38
3.1 Metodologia	38
3.1.1 - Etapa 1	38
3.1.2 - Etapa 2	39
3.1.3 - Etapa 3	39
3.1.4 - Etapa 4	39
3.1.5 - Etapa 5	39
3.1.6 - Etapa 6	40
4. LEVANTAMENTO DOS SABERES POPULARES SOBRE AS ERVAS MEDICINAIS.....	40
4.1 Relatos do I Encontro de Mulheres Conhecedoras de Plantas Medicinais do Quilombo Dona Juscelina	40
4.2 Relatos do VI Encontro de Vivências do Conselho de Griôs e Juventude Quilombola da Comunidade Dona Juscelina	44
4.3 Visita aos Quintais produtivos de ervas medicinais	46
4.3.1 - 1° Quintal: Quintal da Dona Maria Bartolomeu Novais Alencar	46
4.3.2 - 2° Quintal: Quintal do Seu Geraldo Delmondes Ferreira “pai da Maria Bartolomeu”	50

4.3.3 - 3° Quintal: Quintal da Dona Elena Carvalho da Cruz	52
4.4 Remédios Medicinais Produzidos pelos Jovens da Comunidade	54
4.4.1 - Grupo 1: Dor de cabeça	55
4.4.2 - Grupo 2: Desintéria	55
4.4.3 - Grupo 3: Problemas no fígado	56
4.4.4 - Grupo 4: Gripe	57
5. LEVANTAMENTO DOS CONHECIMENTOS CIENTÍFICO DAS ERVAS MEDICINAIS.....	58
6. SEQUÊNCIA DIDÁTICA	65
6.1 Prática social:.....	66
6.2 Problematização:	66
6.3 Instrumentalização:	66
6.4 Prática social:.....	67
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

1. INTRODUÇÃO

Sou Yarlla Gabrielly Borges de Sousa, meu lugar de fala é de uma jovem quilombola, neta de griô e griô¹ aprendiz da Comunidade Quilombola Dona Juscelina de Muricilândia-TO, tenho 23 anos, sou preta de pele clara e moro em Muricilândia-TO. Dentro da comunidade, danço no grupo de dança Afro Kizomba, como baiana, representei a Princesa Isabel no teatro da abolição desse ano e participo da comissão de frente do evento. Quando pequena, fui baliza e hoje ajudo a ensaiar as balizas. Atualmente estou concluindo o curso de Licenciatura em Química na Universidade Federal do Norte do Tocantins-UFNT em Araguaína-TO. O meu ingresso na universidade foi por meio da lei de cotas quilombola, fui bolsista do programa bolsa permanência, um programa do governo federal que tem o objetivo de contribuir para a permanência e suporte para os estudantes quilombolas e indígenas conseguirem uma diplomação através da ajuda remunerada aos estudantes baixa renda para se manterem nas universidades federais.

Contudo, a minha missão como quilombola e futura professora de Química é dá uma devolutiva para minha comunidade por tudo aquilo que ela me proporcionou ao longo da minha jornada acadêmica, profissional como também pessoal. Sobretudo, em alguns momentos desse trabalho de conclusão de curso irei me posicionar na primeira pessoa.

Por ser uma jovem acadêmica de origem quilombola, faz-se necessário uma definição para o termo que considero o mais pertinente. Assim, a palavra Quilombo é originária do idioma africano quimbunco, que significa: sociedade formada por jovens guerreiros que pertenciam a grupo étnicos desenraizados de suas comunidades (CONAQ, 2018). Para além dessa definição, Sales, Albuquerque e Cavalcanti (2009, p. 32) acrescenta como as comunidades quilombolas foram constituídas:

¹ Na Comunidade Quilombola Dona Juscelina usa-se o termo Griô tanto para a pessoa do sexo masculino, como para a pessoa do sexo feminino.

[...] as comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimento de terras como pagamentos de serviços prestados ao Estado, simples permanências nas terras que ocupavam e cultivavam no interior de grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após sua abolição.

Com o artigo 68 da Constituição Federal de 1988 o termo Quilombo assume um novo significado, a saber:

A partir do texto do artigo 68 da Constituição Federal de 1988, o termo quilombo assumiu um novo significado, não mais atrelado ao conceito de grupos formados por escravos fugidos. Hoje, o termo é usado para designar a situação dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos no Brasil, fazendo referência a terras que resultaram da compra por negros libertos; da posse pacífica por ex-escravizados; de terras abandonadas pelos proprietários em épocas de crise econômica; da ocupação e administração das terras doadas aos santos padroeiros ou de terras entregues ou adquiridas por antigos escravizados organizados em quilombos. Nesse contexto, os quilombos foram apenas um dos eventos que contribuíram para a constituição das “terras de uso comum”, categoria mais ampla e sociologicamente mais relevante para descrever as comunidades que fazem uso do artigo constitucional (BRASIL,[Constituição (1988)], 2008).

Devido à forte influência do meio natural, as comunidades tradicionais desenvolvem maneiras de vida e culturas singulares. Seus costumes estão diretamente ligados aos ciclos naturais e a compreensão da realidade e da natureza se baseia não apenas em experiências e racionalidades, mas também em valores, símbolos, crenças e mitos (MONTELES; PINHEIRO, 2007).

Já na primeira metade do século XVI, surge a definição de que o quilombo estava ligado a ideia de fuga dos negros para as matas como forma de resistência dos negros, sendo assim durante o período escravocrata no Brasil. Um Alvará de 1741 mandava que se marcasse com ferro em brasa o escravo fugido e, em 1724 surgiram os capitães-do-mato, que dispunham de garantias especiais, como a de não sofrer

pena pelas mortes que provocassem no exercício da tarefa, a não ser quando elas fossem injustificadas (CARRIL, 1997, P. 37). A condição de escravo imputava-lhe o peso de severos castigos físicos, sobretudo os açoites. Com a abolição da escravatura em 1888 o ato de escravidão de negros foi extinto, porém, os quilombos continuaram e ainda continuam existindo. Com tudo, o conceito de quilombo está ligado a luta, a concretização do sonho de liberdade e representa a possibilidade de negação da ordem vigente. Apesar de perseguidos, se destruídos os quilombos renasciam (CARRIL, 1997, p. 38).

“Os quilombos existem até hoje e têm fluxo econômico, cultural e social próprios, ou seja, eles se projetam como partes integrantes da sociedade brasileira atual” (LIMA; SILVA; MARTINS, 2015, p. 507).

A utilização de ervas medicinais é uma prática ancestral que tem sido transmitida oralmente ao longo das gerações. Esse saber é passado em diversos aspectos do cotidiano, indo além do formal. A transmissão oral é uma das características que o diferencia do conhecimento científico, o qual é disseminado por meio da escrita. Assim, o conhecimento tradicional só pode ser compreendido dentro do contexto cultural em que surgiu. Em várias comunidades tradicionais, o cultivo de plantas medicinais representa uma opção importante para os cuidados básicos de saúde (FERREIRA; BATISTA; PASA, 2015).

Assim sendo, sabe-se que as comunidades quilombolas mantêm e praticam as tradições de seus antepassados, incluindo o uso de plantas medicinais como alternativa para tratar suas doenças. Os membros da comunidade estão bem familiarizados com as ervas que utilizam, conhecendo até mesmo as enfermidades para as quais cada planta é empregada (SALES; ALBUQUERQUE; CAVALCANTI, 2009).

De modo geral, a população brasileira possui conhecimentos significativos sobre métodos alternativos de cura para doenças comuns (MATOS, 2002). As comunidades tradicionais possuem um conhecimento mais profundo nesse campo, no entanto, estão sujeitas a constantes ameaças devido à influência direta da medicina ocidental moderna e à falta de interesse dos jovens locais, o que interrompe a transmissão desse saber entre as gerações (AMOROZO, 1996).

Deste modo, apesar da medicina ocidental tem se tornado popular no decorrer dos anos, boa parte das comunidades seguem crendo e fazendo uso das ervas medicinais, muitas vezes movidos pelo valor elevado dos medicamentos alopáticos ou por medo dos mesmos causarem efeitos colaterais graves.

Com isto, o objeto de estudo do presente trabalho é o conhecimento popular e científico das ervas medicinais pelos Griôs da Comunidade Quilombola Dona Juscelina do município de Muricilândia localizado no estado do Tocantins, com enfoque no Ensino de Química. Em que, foi realizada rodas de conversas com os Griôs do quilombo, bem como montado uma sequência didática para uma possível aplicação na Escola Estadual presente no município, abordando os conhecimentos das ervas medicinais e o conhecimento científico no ensino de química.

Logo, a presente pesquisa se faz necessária devido à grande importância do conhecimento das ervas medicinais entre as comunidades quilombolas, para assim valorizar suas tradições de uso e conhecimentos populares sobre suas propriedades e funções. Bem como, enquanto integrante jovem da referida comunidade, busco despertar o interesse dos demais jovens acerca desse tema, a fim de preservar a tradição de transmitir de uma geração para outra o saber acerca das ervas medicinais. Dessa forma, a problemática do trabalho é baseada no seguinte questionamento: *Como incorporar os conhecimentos populares da Comunidade Quilombola Dona Juscelina no Ensino de Ciências das escolas de Muricilândia-TO?*

Portanto, a pesquisa foi desenvolvida a partir do objetivo geral de articular o conhecimento quilombola com o Ensino de Química. De onde derivou os seguintes objetivos específicos:

- Produzir uma sequência didática sobre os conhecimentos das ervas medicinais e o conhecimento científico no Ensino de Química tendo por base, dois eventos realizados na Comunidade Quilombola Dona Juscelina com os Griôs e a juventude quilombola da Comunidade;
- Vincular o ensino de química aos conhecimentos populares das ervas medicinais;
- Disseminar o conhecimento do uso das ervas medicinais pelos Griôs da comunidade.

2. CAPÍTULO 1

2.1 Comunidade Quilombola

O Brasil possui em sua história a trágica realidade do tráfico e comércio de homens e mulheres africanos provenientes de diversas regiões do continente africano. Foi o último país a abolir legalmente o trabalho escravo e o que mais recebeu escravos. Aproximadamente 40% dos africanos escravizados foram enviados para o Brasil e, atualmente, 65% da população negra nas Américas é composta por brasileiros. Os primeiros africanos desembarcaram no Brasil em 1554, dando início a 316 anos de escravidão, marcando assim os últimos séculos da história brasileira e representando 63% do tempo desde a chegada dos portugueses até os dias atuais. Os escravos no Brasil eram predominantemente negros africanos, embora houvesse também indígenas, estes eram raros nas atividades mais pesadas. Os períodos de escravidão deixaram, e continuam a deixar, profundas marcas na realidade sócio-econômico-cultural da sociedade brasileira. Mais de três séculos de práticas colonialistas exploratórias deixaram em nossa memória social traços e costumes que contribuíram para a formação de nossa identidade (SOUZA, 2008).

No período da escravidão, ocorreram inúmeros protestos e insurreições contra essa dominação, onde os mesmos buscavam a sobrevivência em um país com costumes e tradições diferentes daqueles provenientes da África. Diante de uma vigilância ferrenha foi possível manter a escravidão, a partir de muita violência, punição preventiva, estruturadas nas dinâmicas de trabalho escravo, mediante a quadros de protestos e resistências por parte dos escravizados (RIBEIRO, 2006).

As manifestações e protestos contra a escravidão foi o que originou as chamadas comunidades quilombolas, a qual foi originada como uma forma de sobrevivência e luta contra o trabalho escravo, diante das duras repressões vividas. Inúmeros escravos fugitivos se agruparam em diversas localidades distantes o suficiente para lutar contra o sistema escravista vigente, formando assim os quilombos, lugar onde os negros refugiados viviam. Essa era a única opção viável diante da situação de escravidão: buscar refúgio em um local de difícil acesso e se manter em uma posição defensiva, lutando pela sobrevivência (FREITAS, 1984).

Conforme Fiabani (2007), as comunidades quilombolas cresciam espontaneamente, em que depois de estabelecida a mesma crescia tomando consistência ao receber novos integrantes. Fora casos excepcionais, o crescimento dos quilombos dava-se, principalmente por meio da agregação de indivíduos provenientes do seu exterior – nativos, homens livres pobres, além de fugitivos do campo e das cidades (FIABANI, 2007).

Os quilombos era uma forma de resistir ao sistema opressor vivenciado, onde eram criadas estratégias de defesas em busca de liberdade, como relata Furtado, Sucupira e Alves (2014, p. 109).

“Em decorrência das punições do sistema repressor, os escravos criaram estratégias de defesa clandestinas e fugas em busca de liberdade. Os quilombos representaram formas de resistência e luta contra a opressão vivenciada por africanos e seus descendentes ao longo da história brasileira, tendo emergido diante de uma situação de confronto e conflito. Tido como elemento que caracterizava a libertação, o quilombo assinalava uma reação à existência desse sistema forçado de trabalho.”

Os quilombos acompanharam todo o período de escravidão. De acordo com o historiador Mário Maestri, “através dos mais de três séculos, uma população de milhares de homens e mulheres viveu um maior ou menor tempo aquilombadas”. Com isto, “muitos nasceram e morreram em comunidades de produtores livres. Comunidades quilombolas sobreviveram até a própria abolição, dando origem a comunidades de camponeses negros” (AMARO, 2005, p. 102).

Após a abolição da escravidão no Brasil em 1888, os quilombolas finalmente conquistaram a liberdade, sem temer a recaptura. Entretanto, naquele momento, mesmo com a abolição da escravidão, os ex-escravos tiveram dificuldade para se inserir na sociedade, de modo que mesmo conseguindo o direito à liberdade, pouca coisa mudou em suas vidas pois os mesmos, continuavam sem terras, sem trabalho e sem direito, conforme fala Fabiani (2007, p.2):

Mesmo com a libertação, muitas vezes, pouco mudou na vida dos ex-escravos no relativo às condições materiais de existência, são parecidas ao do cativo. No entanto, juridicamente, os trabalhadores escravizados

passaram a ter autonomia sobre seu labor, não necessitando mais da fuga, para dominarem sua força de trabalho. Assim sendo, o quilombo deixou de existir como fenômeno sociológico histórico. Passamos a ter no Brasil, no mundo rural, comunidades negras, de diferentes origens, lutando pelo controle da terra e pela venda de sua força de trabalho.

Ao longo do século XX as comunidades quilombolas se tornaram evidência nacional fazendo parte do movimento afro-brasileiro, reivindicando sua identidade cultural e exigindo seus direitos. Com a promulgação da nova constituição brasileira em 1988, os afro-brasileiros levaram suas reivindicações e demandas à Assembleia Constituinte. Essa luta resultou no reconhecimento dos quilombolas como um grupo cultural e a posse das terras que ocuparam historicamente. Além disso, a Constituição Brasileira ainda criou a Fundação Palmares, órgão governamental responsável pelo reconhecimento das terras quilombolas (FLEISCHER, 2021).

Ao longo dos anos, as comunidades quilombolas tiveram um crescimento significativo. De acordo com o IBGE de 2022, atualmente há 1.327.802 quilombolas no Brasil, representando 0,65% da população total. Foi identificado que 473.970 domicílios abrigavam pelo menos um quilombola, em 1.696 municípios brasileiros. A região Nordeste concentra a maior parte dessas comunidades, com 68,19% (ou 905.415 pessoas). O Censo revelou que os Territórios Quilombolas delimitados oficialmente estão habitados por 203.518 pessoas, sendo 167.202 delas quilombolas, ou seja, 12,6% do total no país. É importante ressaltar que somente 4,3% da população quilombola reside em terras já regularizadas (GOMES, 2023).

2.2 Comunidade Quilombola Dona Juscelina

A pesar aprovação e sanção da lei que aboliu a escravidão em 13 de maio de 1888, a massa de ex-cativos não conseguiu o acesso a terra, em partes porque a lei Áurea apenas tornava crime quem mantivesse em cativeiro ou na condição de escravo o negro, mas não lhe assegurava o direito a terra, pois a lei não fazia menção a esse direito. E por fim, porque já no Segundo Reinado, em 1850, o Brasil avançou na concentração fundiária com a aprovação da Lei de Terras. Isso impediu que ex-

escravos pudessem ter acesso a terra, dada a ausência de recursos financeiros para pagamento das taxas a que essas terras estavam vinculadas. Somente os latifundiários tinham condições financeiras para adquirir as terras. Como forma de resistência e fuga, inicia-se a formação de quilombos e que hoje tornaram-se comunidades remanescentes de quilombos (OLIVEIRA, 2018).

Evidenciamos assim, que a Comunidade Quilombola Dona Juscelina tem seus primórdios na migração de mulheres e homens negros de regiões inóspitas do Brasil, uma fuga motivada pela falta de condições de vida e pela busca por terras devolutas e abundantes. Terras estas que foram domesticadas e depois “laçadas” pelos fazendeiros e empresários (OLIVEIRA, 2018, p. 33).

As narrativas de criação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina pontuam dois movimentos migratórios de grande importância. O primeiro, pelos romeiros de Padre Cícero Romão, movimento de fé e devoção. E da migração da matriarca Lucelina Gomes dos Santos, conhecida como Dona Juscelina e sua família ancestral que vieram do Maranhão para o Goiás (atualmente, Tocantins). Diante disso a comunidade consegue a certificação como sendo comunidade quilombola (OLIVEIRA, 2018).

Figura 1 – Dona Juscelina, aquela ao qual o quilombo carrega o seu nome.



Fonte: Quilombo Dona Juscelina.

Observa-se que a formação territorial do país e do Estado do Tocantins tem a presença e a característica da migração de homens como também de mulher que se deslocavam de lugar para lugar, por variadas necessidades (SOUSA, 2021).

Nesta perspectiva, de acordo com Sousa (2021):

Na década de 1950 o atual estado do Tocantins ainda fazia parte do estado do Goiás e era conhecido como o norte goiano. [...] Naquela época, poucas pessoas, mas estas carregavam consigo grandes sonhos, desejos, profecias. [...] Como também liberdade e autonomia dentro de suas próprias perspectivas conduzem grupos de pessoas, famílias inteiras para outras realidades (SOUSA, 2021, p. 24).

Inicia-se o primeiro marco na história de um povo na década de 50 na região de Filadélfia-TO com a vinda da beata Antonia Barros de Sousa, também conhecida como Antonia Barros de Sousa e um grupo de romeiros e romeiras que vieram em romaria por meio de visões que Padre Cícero lhes destinava, para morarem nas proximidades do local onde existia uma cruz em cima do morro. Essa proximidade era denominada por Padre Cícero como Bandeiras Verdes (OLIVEIRA, 2018).

Neto (2021, p. 19) relata que

Camponeses, romeiros e missionários nordestinos se deslocavam em busca das Bandeiras Verdes, locais de matas amazônica, de preferência as margens dos grandes rios, em busca de locais para moradia e cultivo para subsistência. Esses locais – situados no Pará, no norte do antigo Goiás¹ – eram considerados desocupados e ideais para sobrevivência. Esse movimento tem como principal personalidade Padre Cícero, que segundo relatos alguns romeiros tinham visões com ele que lhes dizia para explorarem essas terras em direção ao sol poente, rumo as Bandeiras Verdes (NETO, 2021).

De acordo com Vieira (2001, p. 143), “As Bandeiras Verdes são atribuídas ao Padre Cícero que simboliza, as matas amazônicas. O mesmo, falou a seus fiéis que no final dos tempos ele precisavam encontrar o local onde existiam as Bandeiras Verdes, ou seja, a região de matas inexploradas para assim, povoarem a terra (VIEIRA, 2001).

Vale ressaltar que, embora as antigas realidades de vida dos romeiros possam ser transformadas mais que, eles nunca deixam perder as suas origens e costumes, pelo contrário, eles reforçam a sua identidade e origem (SOUSA, 2021).

De acordo com SANTOS:

Os membros da Comunidade estudada, mesmo após processos de migrações, pois são oriundos da região nordeste do país e carregam consigo resquícios da cultura afrodescendente e por isso reconstruíram seus traços

identitários na atual localidade em que vivem, em Muricilândia -TO. (SANTOS, 2018, p.18)

Após um certo período de percurso, no ano de 1952 os romeiros encontram a cruz em cima do morro e batizam o local de morro do Santo Cruzeiro ou popularmente “Pé do Morro”. Ali o grupo de pessoas construiu uma vila e hoje é conhecida como sendo a cidade de Aragominas-TO (VIEIRA, 2001).

Oliveira (2018) traz uma narrativa sobre o descobrimento da cruz que ocorre da seguinte forma:

[...] a mulher tá indo, vai encontrar um morro, o Padre Cícero que mandou, ela teve uma visão e tem que encontrar essa coisa lá. Quando ela anuncia que, nós vamos encontrar o Santo Cruzeiro, ele tá em cima do morro! Diz: oh, nós vamos subir o morro porque nós vamos encontrar lá o cruzeiro. Isso já na tarde de 1952 no mês de julho. Quando chega lá no morro tem todo um ritual, ela conduzindo aquele grupo tem todo um ritual. Manda encostar num pé de jatobá que tinha lá, tantos passos pro poente depois tantos passos na direção leste e aí faz todo esse ritual. E quando ela chega num certo momento ela só faz, pega o véu, andava com um lenço na cabeça e diz: é aqui e já vai baixando e cobrindo uma pedra lá. Aí quando ela levanta o véu, vê uma cruzinha lá, pequena, mais ou menos uma chave que tá cravado na brecha entre uma laje e outra né, colocada lá. De certa forma tinha algo de místico aí! Alguma coisa tinha. Esse grupo veio motivado por algo religioso pela religiosidade e principalmente seguindo essas orientações do Padim Cícero. Isso foi em 27 de julho de 1952 [...] acontece a distribuição da terra naquele propósito de tornar aquela região ali a “terceira Juazeiro”, tem que fazer a distribuição da terra pro povo! [...] (Manoel Filho Borges, entrevista cedida em novembro de 2017) (OLIVEIRA, 2018, p. 36)

A romaria iniciou-se no final da década de 1940 e findou com a fundação de dois municípios, sendo Aragominas e Muricilândia (TO). Esses dois municípios tiveram a participação efetiva de Antonia Barros de Sousa na sua fundação (SANTOS, 2018). Mais tarde, temos a participação de Lucelina conhecida como Dona Juscelina, na criação de seu quilombo. O papel dessas duas mulheres foi muito importante para a cidade como também para a Comunidade Quilombola.

Mais tarde esse grupo de romeiros foi dividido, onde uns permaneceram em Aragominas e outros partiram novamente em romaria em busca de um lugar que tivesse uma grande abundância de água, frutos, peixes entre outros. Oliveira (2018) menciona que:

Tudo inicia com um grupo de oito homens liderados por Sr. João Paulino que saíram de Aragominas (Pé do Morro) para onde hoje, a comunidade

quilombola, pelo viés da religiosidade e fé nas profecias de Padre Cícero, os chamados romeiros de Padre Cícero (OLIVEIRA, 2018, p. 36).

Os romeiros chegaram nas proximidades de um rio e ali acamparam e moraram. Pelo fato daquele lugar existir uma grande quantidade de murici vermelho, eles batizaram aquele pequeno povoado de nome Muricilândia, e que permanece até hoje.

As origens da Comunidade Quilombola Dona Juscelina são constituídas por escravos do período colonial, escravos que fugiram de toda opressão, sofrimento, fome e castigo. Apesar do seu sofrimento, um ponto de partida para as suas migrações é a forte presença da fé que os encorajaram a irem a lugares com maiores possibilidades de melhoras de vida (OLIVEIRA, 2018).

Borges (2019) relata que:

Conforme o relato dos moradores mais antigos de Muricilândia, a cultura quilombola em Muricilândia, surge com a fundação da cidade em 1952, quando um grupo de oito retirantes nordestinos em sua maioria negros influenciados pela fé de romeiros devotos de padre Cícero, partem da região de Araguaína abrindo caminhos na direção deste futuro município, na esperança de encontrar a terra prometida. Chegando nas margens do rio Muricizal, o grupo decide ficar, pois ali era uma terra propícia ao cultivo, pois era terra de mata fechada onde tinha muita caça, e, no rio muitos peixes e muitas árvores frutíferas, entre elas o murici, a fruta símbolo da cidade onde surge o nome Muricilândia (BORGES, 2019, p. 2-3).

A Comunidade Quilombola Dona Juscelina está atualmente na área urbana de Muricilândia, isso porque seu território ancestral foi expropriado pelo latifúndio até o final da década de 1970, restando apenas três famílias quilombolas que ainda estão de posse da terra. Enquanto aguarda do governo federal a devolução das terras ancestrais à comunidade quilombola, os quilombolas que residem no perímetro urbano de Muricilândia se definem na condição de “estar urbano”², aguardando o momento de retorno ao território de nossos antepassados. ela não tem o seu território quilombola demarcado e mesmo que a comunidade esteja no perímetro urbano a sua

² O sonho de todo quilombola é retornar para o território ancestral e nele morar e desenvolver suas práticas culturais e religiosas.

cultura afrodescendente é bem forte no meio de ambos. Vale ressaltar que, as pessoas que chegaram no pequeno povoado de Muricilândia, escolheram o seu pedaço de terra e ali fizeram as suas moradias e sua roça, onde elas viveram naquele local por muitos anos.

Após o momento em que o Estado de Goiás se dividiu e formou um novo Estado (Estado do Tocantins), tempos depois, chega um grupo de pessoas com a titulação das terras onde os quilombolas moravam, a partir daquele momento, aquelas pessoas perderam as terras e só tinham duas possibilidades, sair da Terra dos atuais donos ou morrer. Aquelas pessoas “quilombolas” foram obrigadas a sair deixando tudo para trás e recomeçar do zero, conseqüentemente tiveram que trabalhar nas fazendas, uma vez que, estavam sem ter onde fazer as lavouras para suas subsistências (BORGES, 2019). Hoje, após muitos anos de luta, a Comunidade ainda se encontra sem o seu território e ainda assim, lutam incessantemente para um dia conquistar o seu território ancestral.

A comunidade é marcada pela intensa presença da religiosidade. Além da romaria de padre Cícero, havia também, a festa do Divino Espírito Santo e festa de Santo Reis. Embora tivessem muitos momentos religiosos, tinham também os momentos de diversão como brincadeiras de rodas, danças, lindô (dança de característica quilombola) e jogos de bola.

Lucelina chegou em Muricilândia no dia 2 de outubro de 1962, após 10 anos da chegada dos primeiros habitantes. Ela trouxe para a cidade o fortalecimento da cultura quilombola, que mais tarde recebera o nome de Quilombo Dona Juscelina. Juscelina é neta de escravos e, portanto, antes de seu tio “Claro Preto do Saco” morrer ele lhe entregou a missão de dar continuidade à sua cultura ancestral. Com isso, suas festas, traziam sempre religiosidade e cultura herdada de seus ancestrais.

Lucelina Gomes dos Santos (in-memória), conhecida como Dona Juscelina, nasceu em 24 de outubro de 1930, na cidade de Nova Iorque, no Maranhão, era neta de cativo. Juscelina era uma liderança muito respeitada pelas autoridades, foi griô e presidente do Conselho de Griôs, Presidente da Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina. Juscelina sempre tomava as decisões da sua comunidade, mas contava com a ajuda dos griôs da comunidade para somar forças e

buscar benefícios para sua comunidade. Dona Juscelina era parteira e fez aproximadamente 583 partos, era também benzedeira, quebradeira de coco e lavradora.

Figura 2 – Dona Juscelina In-memória.



Fonte: Quilombo Dona Juscelina.

Em 2012, Dona Juscelina recebeu da Câmara de Vereadores de Muricilândia o título de Cidadã Muricilandense por sua contribuição na formação da cidade e pela criação da Comunidade Quilombola. Em 2016, a Secretaria Estadual de Cidadania e Justiça, lhe concedeu o prêmio de Boas Práticas em Direitos Humanos Categoria VIII – Igualdade Racial, pelo reconhecimento de sua luta pelos direitos da comunidade quilombola. No dia 24 de fevereiro de 2021, a UFT concedeu à Dona Juscelina o título de Doutora Honoris Causa. No dia 03 de julho de 2021, Dona Juscelina vem a falecer aos 91 anos de idade. Após seu falecimento, o seu manto e lugar de griô é repassado para sua neta que depois é repassado para a griô Leonice.

Em 1968 em Muricilândia, Dona Juscelina levou para a rua a festa do 13 de maio em um cortejo que contava com algumas centenas de pessoas que acompanhavam e dançavam durante todo o percurso. Nos anos de 1963 a 1967 a festa do 13 de maio ainda não havia alcançado uma projeção expressiva, sendo realizada nas proximidades das residências de dona Juscelina e de sua irmã Maria dos Anjos. A festa do 13 de maio que começou com 100 pessoas, hoje cresceu e conta com aproximadamente 4 mil pessoas.

[...] 13 de maio são uma alusão ao ato que uma princesa Isabel fez ao assinar o documento que declarava a abolição dos escravos, um momento em que os cativos tinham desejo de liberdade garantido, enquanto Comunidade Quilombola é uma denominação resultante de lutas que envolviam vários seguimentos da sociedade [...] (OLIVEIRA, 2018, p.148).

Borges (2019, p. 4) Afirma que de fato “No período de 1980 à 1990, o Estado e os remanescentes quilombolas ainda não estabeleciam um diálogo, pois o Estado não os reconhecia”. Só depois de um tempo, a partir de manifestações culturais desenvolvidas por Dona Juscelina no período de 1962 a 2001 começaram a surgir boatos da existência de um antigo quilombo situado em Muricilândia-TO. “Correlacionado com a Constituição Federal de 1988, nos Artigos 215, 216, seus incisos e parágrafos, e Artigo 68 dos ADCT emana a possibilidade de reconhecimento como quilombolas, dos grupos e comunidades negras que assumissem sua autodefinição como remanescentes dos quilombos (BRASIL, 1988 apud BORGES, 2019, p. 5).

Porém de modo geral, na Constituição Federal de 1988, verifica-se que o Estado e os remanescentes de quilombo iniciam um diálogo ao reconhecer o direito dos mesmos sobre a posse da terra. Conforme é relatado no artigo Nº 68 da Constituição Federal aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecido a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (BRASIL 1988 apud BORGES, 2019, p. 5).

Após o decreto de nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 que regulamenta o artigo 68. Sobretudo, esse decreto torna efetivo o processo de delimitação, reconhecimento e titulação das terras quilombolas. (BORGES, 2019). Com isso, passa a ser reconhecido os direitos dos remanescentes de quilombos como um grupo étnico-racial com ancestralidade negra relativa à opressão sofrida.

Nesse contexto, em 2007, a Portaria Interna da FCP nº 98, de 26 de novembro, institui o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos. É por meio desse cadastro que a Comunidade Dona Juscelina é reconhecida como comunidade remanescente quilombola pela Fundação Cultural Palmares [...] conforme certidão de autodefinição de identidade expedida em 14 de outubro de 2009 (BORGES, 2019, p.5).

Em 2010 a comunidade foi no INCRA de Palmas para fazer o processo de reconhecimento e demarcação do território e após ter se passado 14 anos de darem entrada aos processos no INCRA ainda não foi concluída a primeira etapa do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território.

Neste momento, somente três famílias quilombolas tem suas posses de terra, porém, a comunidade ainda luta incansavelmente para conquistar o seu território ancestral. Como fonte de luta pelas causas da comunidade, os direitos afro raciais, como também de fortalecimento e a conscientização da escravidão contemporânea, a partir de 2014 a comunidade realiza todos os anos o Fórum Permanente da Consciência Negra nos dias 19 e 20 de novembro e principalmente no Festejo da Abolição. No festejo da Abolição temos cerca de 3 dias de muito aprendizado no Seminário de Cultura Afro-brasileira, tendo palestras e muitos debates. O intuito de tudo é:

Sensibilizar os participantes que embora tenha sido extinta a escravidão no Brasil, pela Lei Áurea em 13 de maio de 1888, assinada pela Princesa Isabel, não foi criada nenhuma política pública de apoio à inserção dos ex-cativos e libertos na sociedade, deixando-os desamparados e excluídos socialmente, isto é, o negro ganhou a liberdade, mas não a cidadania, marca histórica que deixa seu legado até os dias atuais (BORGES, 2019, p. 6).

Outra forma de ter acesso aos saberes e fazeres dentro da comunidade quilombola Dona Juscelina, é através dos griôs. Os griôs são pessoas idosas que tem muita experiência na vida e conhecimento da cultura quilombola, são pessoas que construíram juntas a história da comunidade. Estes têm a responsabilidade de orientar, ensinar, dá conselhos, contar sobre o passado, de como surgiu o quilombo, seus hábitos, costumes, o modo de cultivar a terra, a sua interação com a natureza, o artesanato, a culinária e a religiosidade. O griô Manoel Pereira Borges, diz que: “O conselho é o cérebro do quilombo, pois orienta as futuras gerações”.

A palavra Griô, também chamado dieli em bambara; nyamakala em fulfulde significa animadores públicos na cultura africana e se tornou mais conhecido pelo termo francês griot. Os Griots eram definidos como mestres e portadores de sabedoria. [...] Os Griôs ocuparam as funções de preservar a história e repassá-las a outras gerações por meio do conhecimento de genealogias de famílias, mitos, histórias, costumes e culturas antigas das regiões e locais onde nasciam e residiam (SAMPAIO; PACHECO, 2015, p. 56).

Na Comunidade Quilombola temos o Conselho de Griôs, que é bastante importante para a comunidade, ela é a unidade superior do quilombo, portanto, nada é realizado sem o consentimento da equipe. O conselho é formado pelos seguintes integrantes:

Tabela 1 – Relação dos nomes dos Griôs do Quilombo e seus nomes reais.

Nome de Griô	Nome Real
--------------	-----------

Dadá	Conceição Viana da Silva
Eurânia	Maria Eurânia Conceição Silva
Geraldo	Geraldo Delmondes Ferreira
Lena	Leonice da Silva Ferreira Moura
Dos Santos	Manoel Pereiras Borges
Maria do Carmo	Maria do Carmo da Silva
Maria do Socorro	Maria do Socorro Araújo
Rosa Mirtes	Rosa Mirtes Pereira de Sousa

Estes griôs são a base do quilombo, são como as raízes de uma árvore pois além, de saberem e fazerem parte da história da cidade e do quilombo, eles têm uma bagagem enorme de conhecimento. Os Griôs passam as histórias de lutas, sofrimentos e conquistas aos que os procuram.

Dentro do conselho tem pessoas que têm o conhecimento sobre as ervas medicinais (usadas para tratamentos de doenças através da elaboração de remédios caseiros), tem aqueles que rezam, benzem, e têm obrigação de rezar pelas pessoas. Vale abordar que as ervas medicinais têm grande destaque na cultura deste povo e de sua comunidade pois seus membros ainda utilizam bastante este conhecimento popular.

2.3 Ervas medicinais

Planta medicinal é um termo empregado para descrever plantas utilizadas para fins terapêuticos. A utilização de ervas para fins medicinais vem desde as tribos primitivas, no qual as mulheres faziam a extração dos princípios ativos presentes nas plantas para utilizá-los como cura de doenças. A descoberta do poder curativo das ervas era inicialmente apenas intuitiva ou, por meio da observação dos animais doentes que procuravam a cura para suas enfermidades nas ervas (MARINHO *et al*, 2007).

O uso de ervas medicinais foi por muito tempo o principal recurso terapêutico empregado para o tratamento da saúde da população, contudo devido aos avanços técnico-científico principalmente no âmbito das ciências da saúde, novas formas de tratamento das doenças surgiram. Sendo a principal delas a utilização de medicamentos industrializados, que foram introduzidos de modo gradativo no dia a dia das pessoas, por meio de campanhas publicitárias, prometendo a cura de inúmeras enfermidades. Com isto ao longo dos anos as plantas medicinais vêm sendo substituídas pelos medicamentos industrializados (BADKE *et al*, 2011).

Contudo, apesar do incentivo das indústrias farmacêuticas para o uso de medicações industrializadas, no Brasil a maior parte da população ainda faz uso de técnicas complementares para o tratamento de doenças como por exemplo a utilização de ervas medicinais empregadas para alívio ou cura de enfermidades (BADKE *et al*, 2011).

Sousa *et al*, (2021, p. 18) explana que no Brasil:

As comunidades tradicionais, os povos sertanejos, ribeirinhos, comunidades indígenas, povos quilombolas entre outros, fizeram e fazem da utilização de plantas com caráter medicinal desde os mais, o aperfeiçoamento e a utilização desses métodos para o uso da medicina é um grande avanço no contexto de saúde da população, onde, é importante o entendimento sobre os benefícios que o saber popular trouxe para a sociedade avançar tecnicamente (SOUSA, 2021).

2.4 Conhecimento Popular e Conhecimento Científico

Desde o século XIX, a ciência tem mostrado uma significativa evolução, exercendo assim, um importante papel na sociedade. Isso ocasionou um declínio nos conhecimentos e experiências advindos do senso comum, da teologia, filosofia entre outros. Todavia, entende-se que o ser humano necessita dos saberes populares, uma vez que faz parte do cotidiano e da cultura dos indivíduos. No entanto tais saberes são ignorados e até mesmo rejeitados pelas instituições de ensino.

Antigamente o ensino de ciências tinha a intensão de fazer a transmissão dos conteúdos, porém é relevante falar que hoje, a ciência é ensinada na escola com a intenções de tornar o cidadão um ser mais crítico. Essa perspectiva busca um ensino que venha de encontro com realidade social das pessoas. Ou melhor, um ensino que reconheça e valorize os saberes populares.

Conforme a fala de alguns escritores (Chassot, 2003; Gondim e Mol, 2008; Resende et al, 2010) a escola tem a função de valorizar o saber local da comunidade em que a escola está situada, saber popular.

Dessa forma, é válido que os alunos estudem o conhecimento científico como também o conhecimento popular, sendo necessário fazer a contextualização de ambos os conhecimentos e relaciona-los com o conteúdo escolar.

De acordo com os relatos de Gondim e Mól (2008)

A partir da década de 1990, os educadores e pesquisadores passaram a questionar essa superioridade epistemológica do saber científico e considerar as relações entre cultura e educação científica. A cultura popular e o conhecimento cultural passaram a ser considerados na orientação dos currículos de ciências (GONDIM; MÓL, 2008, p.3).

Saviani (2008) afirma que reconhece vários trabalhos que citam o saber popular de forma crítica e dialética, mas esses mesmos autores reconhecem que o saber popular e o conhecimento científico fazem parte de uma atividade histórica e que ambos andam em contradição dentro da sociedade.

Xidieh (apud Gondim e Mól, 2008) descreve a cultura popular sendo

Definida como aquela “[...] criada pelo povo e apoiada numa concepção do mundo toda específica e na tradição, mas em permanente reelaboração mediante a redução ao seu contexto das contribuições da cultura erudita, porém, mantendo a sua identidade”. Dentre as manifestações da cultura popular, temos os chás medicinais, os artesanatos, as mandingas, as cantigas de ninar e a culinária. Todas estas se constituem como saberes populares. Eles não exigem espaço e tempo formalizados; são transmitidos de geração em geração por meio da linguagem falada, de gestos e atitudes; e são também transformados à medida que, como parte integrante de culturas populares, sofrem influências externas e internas (GONDIM; MÓL, 2008, p.4.)

Paulo Freire (2000) traz a ideia de um ensino, que pode ser usada para trabalhar os conhecimentos populares na educação, sendo uma abordagem baseada no conceito de tema gerador. Para ele, qualquer tema pode ser trabalhado na sala de aula e esse mesmo tema tem a possibilidade de se desdobrar em outras áreas de ensino ou até mesmo outros temas que podem ser executados nas aulas, fazendo então uma interdisciplinaridade. Essa abordagem é conhecida como uma educação libertadora. Vale dizer que esse método de ensino-aprendizagem o professor é apenas um transmissor dos conteúdos didáticos, tendo como base os conteúdos científicos do saber popular da comunidade ao qual os alunos fazem parte, como também o estudo de outras realidades sociais, pois isso torna os indivíduos mais desenvolvidos e conscientes.

Saviani (2008) apud Massi, Júnior (2018) traz um posicionamento sobre como a escola deve ser e se comportar mediante a integração de novas culturas e saberes populares, ele diz que:

A escola apresenta o papel de mediadora entre o saber espontâneo e o saber sistematizado, reconhecendo suas especificidades e a dialética entre eles: [...] pela mediação da escola, acontece a passagem do saber espontâneo ao saber sistematizado, da cultura popular à cultura erudita. Assim, o acesso à cultura erudita possibilita a apropriação de novas formas por meio das quais se podem expressar os próprios conteúdos do saber popular [...] cabe, pois, não perder de vista o caráter derivado da cultura erudita em relação à cultura popular, cuja primazia não é destronada [...] os membros da população marginalizados da cultura letrada tenderão a encará-la como uma potência estranha que os desarma e domina (MASSI; JÚNIOR, 2018, p. 126).

Através do artigo “Produção de Sabão no Assentamento Rural Monte Alegre: Aspectos Didáticos, Sociais e Ambientais” podemos perceber que de acordo com uma lenda romana a criação do sabão surge de forma inesperada e por acaso, mediante o ato de assar animais para alimentação humana. As cinzas das fogueiras, os restos de gorduras animais, misturados com as chuvas resultavam numa reação química, formando o produto sabão de cinzas, que mais tarde é utilizado na limpeza das roupas. Esse fato chamava a atenção deles, pois acabara de se transformar num produto bom e eficiente. Esse conhecimento foi repassado aos demais e tornou um ponto de partida para estudos que posteriormente, o conhecimento popular dos preparos de sabões se tornou alvo de estudos e aprofundamento dos mais variados processos de fabricação de sabão, como também na presença de componentes que resulta em sabão de variados jeitos, cheiros, formatos e viscosidades.

Após as discussões sobre os saberes escolares, o cotidiano e o conhecimento científico, o autor Lopes (1999, p. 150) critica a igualdade do saber popular e o senso comum, pelo fato da diferença entre a demarcação do saber popular. O autor afirma que o saber popular é um pensamento analisado pela população dominada, especificamente das pessoas que possuem ponto de vista cultural. Esses pensamentos são totalmente relacionados com às práticas sociais do cotidiano de cada indivíduo, os processos de resistência e os mecanismos de luta pela sobrevivência (Lopes, 1999). Por outra perspectiva, o senso comum será distinto do conhecimento científico por possuir ideias espontâneas sobre o mundo.

As reflexões teóricas dizem respeito à inserção do saber popular, peculiar de uma comunidade e cultura específicos, no ensino de ciências e ao seu diálogo com o conhecimento científico – frequentemente mais valorizado no contexto escolar (MASSI; JÚNIOR, 2018, p. 125)

De acordo com (Xavier e Flôr, 2015) as novas alternativas didáticas devem ter em vista a evolução do respeito e valorização das diversas culturas, da solidariedade e da valorização do conhecimento científico e os demais conhecimentos populares.

De acordo com MASSI; JÚNIOR (2018, p. 125, *apud* Xavier e Flôr, 2015):

Nesses trabalhos, os saberes populares são utilizados como forma de contextualização e de proximidade com o ambiente cultural dos alunos, discutindo-se a intervenção do conhecimento científico nos saberes populares. Nos trabalhos que evidenciam a troca de conhecimento com a comunidade, procura-se melhorar a qualidade dos produtos artesanais provenientes dos saberes da população. (Xavier e Flôr, 2015).

Os autores Venquiaruto et al. (2011) e Gondim e Mól (2008) traz propostas de introdução nos currículos escolares de Química os conhecimentos populares de variados grupos sociais. Podendo trazer a realidade deles, só que mesclando com algum conteúdo de química, fazendo possíveis atividades experimentais que relacione a esses saberes.

Entende-se que os trabalhos que fazem uso da transmissão dos conhecimentos populares, trabalhando a distinção que ele tem em consideração ao conhecimento científico, buscando entendê-los de modo dialético, deverá acontecer de modo a valorizar o conhecimento popular.

Vale ressaltar que o conhecimento popular está atrelado com o conhecimento científico, onde um precisa do outro para se complementar. Muitos estudos, abordam que é importante fazer uso somente dos conhecimentos científicos que são afirmados e comprovados através de pesquisadores e suas teorias, por outro lado, existem aqueles que afirmam que o conhecimento popular é sim importante, e que é a base para que o conhecimento de “hoje” seja desenvolvido, mais, é necessário mesclar o conhecimento científico com o conhecimento popular, ou melhor, que faça uso do conhecimento popular mais que use o científico para comprovar as suas ideias.

Segundo Pomeroy, 1994 *apud* Gondim e Mól, 2008:

Apresenta algumas estratégias para a educação científica: utilizar recursos locais e problemas locais para as problematizações; utilizar textos que abordem narrativas de descobertas científicas para desmistificar a ideia de ciência pronta e acabada; “desenvolver currículos de ciências em torno de conteúdos científicos que expliquem práticas e técnicas populares;

desenvolver atividades científicas que não violem as crenças dos estudantes; “explorar as crenças, os métodos, os critérios de validade e sistemas de racionalidade sobre os quais o conhecimento do mundo natural de outras culturas é construído” (POMEROY, 1994 apud GONDIM; MÓL, 2008, p.3).

A interlocução com esse grupo de griôs e a juventude quilombola de Muricilândia, possibilitou reflexões a cerca dessa investigação e propiciou a construção da sequência didática experimental a ser possivelmente desenvolvidas nas escolas, pelo qual alguns conteúdos de Química especificamente as misturas e os preparos de soluções, entre outros, se relacionam com os saberes que envolvem as ervas medicinais e os preparos de remédios caseiros.

2.5 Escolas Quilombolas

A partir dos anos 2000 é implantada as ações afirmativas no Brasil na educação básica, ensino superior e no mercado de trabalho. Com o passar dos tempos, a educação passou por um momento de evolução no que diz respeito as questões étnico-raciais. O que antes, era só uma lei que deveria ser usada mais que na verdade a maioria não fazia uso dela, ou só trabalhava em sala de aula, no dia da “consciência negra”, passou por mudanças, onde tornou-se obrigatório o ensino Afro-Brasileiro no ensino fundamental, médio, como também em instituições de ensino particulares. Em 2003 além da criação da lei 10.639/2003, lei que torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação. Posteriormente, surge outra conquista para os negros/quilombolas que é a implantação da política de cotas. A atual lei 10.639/2003 foi sancionada no dia 09 de janeiro de 2003:

Com a alteração da Lei n. 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional pela Lei n. 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, torna-se oportuno e agora obrigatório o estudo dessa parte da História do Brasil. As “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História” instituem normas para a implantação da referida Lei. É obrigação da escola a transmissão da história dos quilombos contemporâneos e de sua situação atual. Difundir os saberes dessas populações entre todas as crianças brasileiras é pertinente, como um meio de compreensão e de afirmação de nossa identidade multiétnica e pluricultural (MOURA, 2007, p. 4).

Nesse sentido, as leis étnico-raciais são obrigatórias nas escolas estaduais e municipais por se tratar do resultado da luta política, voltada para a construção de escolas quilombolas e da prática pedagógica voltada para a diversidade brasileira,

promovendo uma reflexão e mudança de postura, determinando práticas coletivas de confronto ao racismo e a discriminação na sociedade brasileira.

As escolas quilombolas foram implantadas a partir de uma discussão no campo educacional, tendo início por volta da década 1980, mas mesmo assim sendo apoiada pela forte mobilização e tendo em vista a reconstrução do dever social da escola, atendendo as comunidades quilombolas.

No ano de 2010 um grupo de pessoas se reuniram na Conferência Nacional de Educação (CONAE) para discutir assuntos relacionados a educação quilombola, ao final dessa discussão foi gerado um documento que estabeleceu uma legislação para os povos quilombolas, políticas voltadas para a educação e metas para que os sistemas de ensino e as instituições educacionais possam enfrentar toda e qualquer forma de preconceito, racismo e possam alcançar uma sociedade justa através da equidade educacional.

Segundo Arruti (2009, p.79):

Propor políticas públicas à população negra em várias esferas da área social, evidencia uma “mudança de postura do Estado brasileiro diante da questão quilombola: ela deixa de ser vista como tema exclusivamente cultural, para ser incorporada na larga variedade de políticas de responsabilidade pública”.

No ano de 2012 no governo da presidente Dilma Rousseff é criado Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, que foi tida como base na elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, que aponta que a Educação Escolar Quilombola seja estabelecida em unidades educacionais que possuem terras ou comunidades remanescentes de quilombo, tendo como base o ensino da cultura de seus ancestrais (CAMPOS, 2017).

§ 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

III - destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica; IV - deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas; VI - deve ser implementada como política pública educacional e estabelecer interface com a política já existente para os povos do campo e indígenas, reconhecidos os seus pontos de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade. (BRASIL, 2012, p. 3).

A partir das mudanças na grande curricular começa a ser trabalhado ao longo do ano o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, surgem projetos que lutam pela valorização cultural e a igualdade social, a parceria das comunidades quilombolas com as escolas, a melhoria na alimentação escolar, com isso, o lanche escolar poderá conter comidas de origem quilombolas/africanas para que os alunos conheçam e saboreiem os diversos pratos, entre outras vantagens.

A forma que deve ser organizado o currículo escolar quilombola é explanado no artigo 34:

Art. 34 O currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades. (BRASIL, 2012, p.13).

É importante destacarmos a valorização das identidades presentes nas escolas quilombolas, preparando os educadores para identificar e abordar as questões relacionadas a discriminação que existe em nossa sociedade, ou seja, produzir materiais que celebrem a diversidade e facilitam o debate étnico-racial.

Art. 4º A participação da população negra, em condição de igualdade, de oportunidade, na vida econômica, social, política e cultural do País será promovida, prioritariamente, por meio de: [...]

VII - implementação de programas de ação afirmativa destinados ao enfrentamento das desigualdades étnicas no tocante à educação, cultura, esporte e lazer, saúde, segurança, trabalho, moradia, meios de comunicação de massa, financiamentos públicos, acesso à terra, à Justiça, e outros.

Vale ressaltar que as universidades federais têm a contribuição do programa bolsa permanência através de políticas públicas do governo federal que beneficia e concede um auxílio financeiro para os estudantes indígenas e quilombolas dando suporte em situação socioeconômica precária.

Embora com limites estruturais, as políticas de reparação voltadas para a educação dos negros são importantes para dar visibilidade as lutas do movimento, mas também podem se tornar apoio fundamental quanto à assistência no campo da formação escolar - ingresso, permanência e sucesso dos estudantes nos espaços formais de educação escolar. (GONÇALVES, SANTOS; BARBALHO, 2020, p. 41).

2.6 Escolas Quilombolas de Muricilândia-TO

Em uma entrevista, com o senhor Manoel Filho Borges, atual presidente da Comunidade Quilombola Dona Juscelina ele que era o braço direito de Dona

Juscelina, na comunidade. Perguntei qual foi o primeiro passo para que as Escolas Estaduais de Muricilândia se tornassem quilombola. Ele respondeu:

Quem deu o primeiro passo aqui na comunidade para que as escolas se tornassem escola quilombola, foi Dona Juscelina. Isso em 2014, 2015 e 2019 por aí assim, nessas ocasiões nós estivemos em Palmas e ela estava atrás de reconhecimento para que as escolas daqui se tornasse escolas quilombola e ofertasse a modalidade ensino educação quilombola (informação verbal).³

Qual/ ou quais escola (as) se tornaram quilombola, quais vantagens possuem, tem alguma mudança no âmbito escolar através do seu reconhecimento de “escola quilombola”?

A primeira escola que se tornou quilombola foi a Escola Estadual de Muricilândia. Quando se torna escola quilombola, já tem uma série de vantagens. Por exemplo, começa a vir literaturas com a temática afro-brasileira voltada para a cultura quilombola e negra, já melhor o valor do repasse da merenda então quase que dobra o valor da merenda ou às vezes até dobra o valor per capita por aluno, para o aluno se alimentar além de outras vantagens, também, quando a escola se torna quilombola o seu currículo tem que passar por alteração, o currículo da escola tem que ter o currículo e o projeto político pedagógico tem que ter nele inserido disciplinas que abordem a cultura quilombola, saberes locais, a cultura da comunidade e é um movimento de alternância pedagógica, por exemplo, o quilombo vai pra escola e a escola vai pro quilombo, tem que haver esse equilíbrio, não é só a escola lá tá falando de quilombo sem ir no quilombo, sem conhecer o quilombo e nem o quilombo tá falando que a escola é quilombola sem nem pisar os pés lá, sem os grãos, os jovens, não tomarem parte desse processo. Então a escola quilombola se torna dessa forma. Tem disciplinas específicas que abordam a temática, a cultura quilombola, os seus saberes e os seus fazeres, tem as oficinas que são feitas que são dadas e ministrada em que os professores levam os quilombolas pra escola e a escola vai pra o quilombo fazer a atividades no quilombo. Então ela funciona dessa forma. E o Colégio Estadual Marechal Costa e Silva só se tornou escola quilombola agora bem recente, no ano passado. Mas aí quando se tornou escola quilombola logo de imediato a escola já teve que fazer uma mudança, ou seja, pode ter duas grades curriculares, ela pode ter uma de ensino regular se ela tiver mesmo outra modalidade e pode ter a de educação quilombola. No caso o Costa e Silva tem a educação quilombola e todo ensino é em cima da transmissão de saberes e fazeres e conhecimentos que remetam a cultura quilombola da comunidade (informação verbal) Manoel Filho Borges, entrevista cedida a autora da pesquisa Yarlla Gabrielly Borges de Sousa no dia 30 de abril de 2024.

³ Manoel Filho Borges, entrevista cedida a autora da pesquisa Yarlla Gabrielly Borges de Sousa no dia 30 de abril de 2024

Qual o tipo de fortalecimento que as escolas quilombolas podem trazer para a Comunidade Quilombola?

Toda aula e quais quer eventos afro-brasileiro, que falem sobre a cultura da Comunidade Dona Juscelina, entre outros, que sejam trabalhados no âmbito escolar com o objetivo de transmitir os saberes da comunidade, o respeito e a igualdade ... é uma forma de apoio e vínculo com a comunidade e o fortalecimento. Olha, no dia doze de maio (sábado) o Colégio Estadual Marechal Costa e Silva já está programado e eles vão todos lá pro quilombo, nesse sábado letivo, a aula vai ser lá no quilombo. Eles vão permanecer lá no quilombo participando das ações, porque já é uma ação que a escola quilombola está desenvolvendo junto com a comunidade quilombola. Então isso fortalece muito a comunidade (informação verbal) Manoel Filho Borges, entrevista cedida a autora da pesquisa Yarlla Gabrielly Borges de Sousa no dia 30 de abril de 2024.

Pautados pelas necessidades políticas e pedagógicas das escolas Quilombolas de Muricilândia, construímos sequências de ensino que sistematizariam a relação do conhecimento popular com o conhecimento científico para o entendimento do uso das ervas medicinais para fins terapêuticos.

3. METODOLOGIA: DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DE ENSINO SOBRE AS ERVAS MEDICINAIS NO ENSINO DE QUÍMICA

A metodologia ela teve dois momentos. No primeiro momento são seis etapas, onde foi feita uma imersão na minha cultura, no segundo momento foi a sequência didática. Eu elaborei a sequência didática usando os dois conhecimentos “o conhecimento científico e o conhecimento popular”.

3.1 Metodologia

A coleta de dados da pesquisa foi a partir de relatos, rodas de conversa com os griôs, jovens, quilombolas, encontro das mulheres raízes, o encontro de griôs e a juventude quilombola, a visita aos quitais e oficina de produção de remédios caseiros realizados pela Comunidade Quilombola Dona Juscelina e a partir deles, elaborou-se uma sequência didática sobre O conhecimento das Plantas medicinais da Comunidade Quilombola Dona Juscelina e a contextualização no ensino de química. A sequência didática não foi aplicada nas aulas, porém, foi criada com o intuito de ser utilizada em possíveis aulas de química para alunos do Ensino Médio.

3.1.1 - Etapa 1

O primeiro evento realizado na comunidade foi o I encontro de mulheres conhecedoras de plantas medicinais do Quilombo Dona Juscelina, evento realizado no dia 16/03/2024. O encontro aconteceu com a comunidade em geral e com as mulheres do grupo “Mulheres raízes”, são mulheres que tem um grande conhecimento e que fazem uso das plantas como forma medicinal. Nesse encontro, as mulheres compartilharam um pouco de si e do que sabem sobre as ervas, teve roda de conversa baseado nas plantas medicinais e nos quintais. Mais tarde, teve trocas de mudas de plantas medicinais.

3.1.2 - Etapa 2

O segundo encontro de coleta de dados foi no VI Encontro de Vivências do Conselho de Griôs e a Juventude Quilombola, com o tema: “As Plantas Medicinais do Quilombo Dona Juscelina: Saberes, Fazeres, Cuidados e Território”. Esse evento aconteceu nos dias 13, 20, 27 de abril de 2024 nos turnos de manhã, tarde e a culminância à noite.

3.1.3 - Etapa 3

No dia 13/04 pela manhã, os griôs compartilharam as suas vivências com a juventude. Na parte da tarde os griôs e os jovens visitaram 3 quintais produtivos onde tiveram a oportunidade de conhecer as plantas medicinais e suas indicações.

3.1.4 - Etapa 4

Na manhã do dia 20/04 os jovens que estavam presentes no encontro foram divididos em 4 grupos, cada grupo se tratava de problemas de saúdes que as pessoas mais enfrentavam. Grupo 1 ficou com a “dor de cabeça”, Grupo 2 com a “desinteria”, grupo 3 com “problema de fígado”, grupo 4 com a “gripe”. Após a divisão dos grupos, os griôs e os jovens foram em alguns quintais para coletar as plantas para o preparo de remédios caseiros. A tarde, os jovens se separaram em 4 grupos, cada grupo foi orientado pelos griôs e então cada grupo produziu de 2 a 4 remédios caseiros.

3.1.5 - Etapa 5

Dia 27/04/2024 teve a noite cultural de encerramento do encontro de griôs com a juventude. Os jovens falaram para a comunidade um pouquinho do que aprenderam durante o evento e na oportunidade, apresentaram os remédios produzidos por eles e explicaram a sua composição e conhecimento popular “conforme os saberes dos griôs”.

3.1.6 - Etapa 6

Desenvolvimento da proposta de sequência de ensino sobre as ervas medicinais no ensino de Química.

4. LEVANTAMENTO DOS SABERES POPULARES SOBRE AS ERVAS MEDICINAIS

4.1 Relatos do I Encontro de Mulheres Conhecedoras de Plantas Medicinais do Quilombo Dona Juscelina

Segundo as narrativas, os Encontros das Mulheres Raízes têm a missão de se socializarem umas com as outras, de trocarem mudas de ervas medicinais e de desenvolverem projetos que gerem o conhecimento popular das ervas medicinais à população em geral. Ao final do projeto, será produzida uma cartilha que será entregue aos quilombolas e as Escolas Quilombolas de Muricilândia-TO.

As medicações vindas das plantas, existe uma política nacional do SUS chamada Programa Nacional de Plantas Medicinais que faz parte da PIC que é um outro programa de medicina integrativa e práticas tradicionais, [...] isso, não é uma invenção, não é uma coisa que as pessoas fala assim, será se tá certo, será se vou tomar um chá e vamos ver, mau não faz, não é assim, são conhecimentos comprovados com pesquisas existentes, se você for no google e colocar assim, “medicações ou conhecimentos fitoterápicos ou de plantas medicinais” vai sair uma infinidade de coisa, ou seja, é um saber válido. Mais qual é a questão? É que esse saber ele não é partilhado, esse saber ele tem desaparecido das comunidades por que isso fica isolado, citando alguns nomes a Dona Rosa Mirtes sabe um pouco ... mais a gente acaba apagando esse conhecimento por que fica só na nossa casa, no nosso quintal e agora com esse projeto nós estamos tendo a oportunidade de fazer a socialização (fala da professora Olívia, entrevista cedida em 16 de março de 2024).

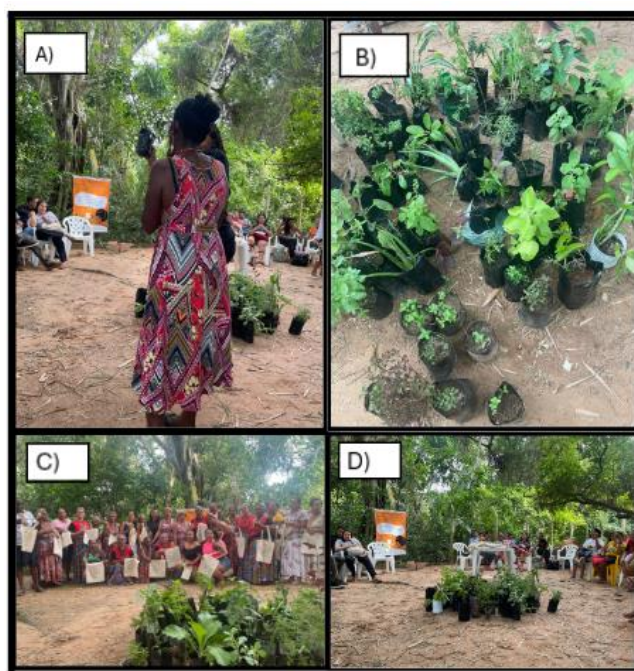
Figura 3 – Professora Olívia em sua entrevista no I Encontro de Mulheres Conhecedoras de Plantas Medicinais do Quilombo Dona Juscelina.



Fonte: Autor.

A griô Lena diz que: “todas as mulheres que fazem parte das mulheres raízes são doutoras, aqui uma aprende com a outra [...] O projeto das mulheres raízes é uma coisa boa pois a gente está resgatando coisas que a gente já tinha visto mais que já estava no esquecimento”.

Figura 4 – A) Griô Lena em sua fala; B) As plantas medicinais do encontro; C) As mulheres participantes do encontro; D) Roda das mulheres ao redor das plantas medicinais no Encontro.



Fonte: Autor.

Meu nome é Geraldo Delmondes Ferreira, faço parte do corpo de griôs dessa comunidade. Eu nasci no interior de Pernambuco e hoje moro aqui, só aqui eu moro há 60 anos e digo pra vocês que raramente tomo remédio [...] não toso, não ando com coriza e o meu remédio é o do mato. Eu conheço milhares de plantas, conheço sementes, batata, raiz, flor e folha. Vejo casos de pais que deixam o filho morrer por que diz que tem que correr pro médico, até chegar lá o filho já morreu [...] nós podemos se salvar com o nosso próprio remédio [...] o cuidado que tem da dona de casa que tem criança é saber conhecer os remédios. Tem hortelã pimenta, hortelã Vick, malva santa, malva do reino, capim maria, capim de cheiro, cidreira que tudo isso é calmante tanto para o jovem quanto para o adulto. E outro remédio para curar outros tipos de doenças mais pesadas é a garrafada [...] outro dia eu falei pra doutora que não era pra por esse remédio que eu não tomo, toda vez que eu tomo eu sinto mau, ela disse, o que é mesmo que você toma? Eu disse, eu tomo um remédio que é melhor, ela me disse já sei, é um chá eu disse, é meu chazim mesmo. Meu remédio é um xarope e muitos outros, eu faço um xarope com aroeira, eucalipto, velame e todos esses outros que eu junto pra fazer um xarope. Gripe, eu passo de 8 anos que não vejo gripe, se der, com umas 2 a 3 horas já desaparece [...] outra coisa que eu vou explicar que tem gente por aí que não sabe, a pessoa que tem bronquite asmática, o remédio é muito fácil pra você curar. O camarada pegar e faz o banho com folha de andu e manjeriçã, cozinha, põe numa vasilha de esmalte ou louça e deixa no sereno

uma noite, de manhã cedo tira e de manhã cedo você lava a cabeça, dá uma chamada assim no nariz até sentir arder o nariz, pode aguardar e veja o quê que não vai descer, sai até secreção mais a pessoa fica aliviada e nunca mais aquela enxaqueca dá na pessoa [...] eu uso remédio de boutique é claro, mas é pouco. Remédio pra essa tal de pressão o pessoal toma o um tal urex, um tal de lorasartana, vastareu e ali vai acabar com a gente o coração falta explodir. O negócio de vastareu é o chá da folha de tangerina, folha amarela de ata, birimbá, graviola e ata esses são os remédios para os problemas de pressão alta. O chá de cidreira, chá erva capim-maria e malva do reino tudo é bom pra negócio de pressão. Eu não sinto pressão, minha pressão todo tempo é normal e eu estou completando 90 anos [...] o meu remédio eu aprendi com meus avós, amigos, vizinhos e parteira (fala do griô Geraldo Delmondes, cedida no dia 16 de março de 2024).

Figura 5 – Senhor Geraldo durante a entrevista.



Fonte: Autor

Então aqui, é o que já foi falado é o problema de doenças e a solução é os remédios caseiros. Sou filho de um homem pobre que trabalhava na roça, e nós éramos 7 irmãos, eu o mais novo [...] nós morávamos no sertão [...] então, três problemas que me atingiu bastante na minha infância. Eu sofri muito de problema de comida “barriga inchada” e era difícil eu não amanhecer o dia com a barriga inchada, era problema de gripe e febre. Sempre os meus problemas eram resolvidos com remédios caseiros, quando amanhecia o dia com minha barriga inchada minha mãe dizia: “bate na sua barriga pra mim ver como que está” eu batia e fazia bum bum bum bum bum, ela falava: “é meu filho tem jeito não”, ela ía lá nas trempes onde o fogo acontecia aceso a noite toda [...] ela ía lá, pegava uma vasilha com água e pegava umas 3 colher de cinza quente e colocava dentro da água, botava um pouquinho de sal, coava e dava pra mim beber. Esse era o remédio era chamado de rescaldo e tomávamos ele quando estávamos com a barriga inchada. Pra gripe, ela pegava a folha de algodão, fervia uma água, colocava a folha dentro, mexia e esfregava as folhas, espremia numa vasilha e dava o sumo da folha de algodão, isso quando estava com muita gripe. Eu cresci bebendo remédio caseiros e isso é coisa que não pode deixar-se para trás. Eu queria apresentar pra vocês uma música de minha autoria que fala um pouquinho do remédio do mato: “É folha, é flor, casca e raiz como o povo diz, tudo junto e misturado, depois de cozido é feita a garrafada. É garrafada é garrafada, é garrafada o remédio é garrafada [...] um velhinho me parou, me ajude por favor me indique um doutor que possa tratar de mim, minha cabeça dói demais, trabalhar não sou capaz, agora chegou meu fim, eu disse: “Não

velhinho se acalme, é muito fácil o remédio é esse, é garrafada, é garrafada, é garrafada o remédio é garrafada” Senhora pode falar em quem possa me ajudar, por favor pode dizer, meu problema é de saúde eu peço que me ajude que agora eu vou morrer, Ah senhora, não precisa se preocupar isso é coisa simples, olha, é garrafada, é garrafada, é garrafada o remédio é garrafada [...] (fala do griô Dos Santos, conhecido como Manoel Pereira Borges cedido no dia 16 de março de 2024).

Figura 6 – A) Senhor geraldo mostrando sua plantação; B) Fruto do pomar do Senhor Geraldo



Fonte: Autor.

Eu gosto de fazer remédio, todo dia eu tomo chá, se uma pessoa me procura um remédio e diz: “eu tô com dor de barriga” eu vou e ensino aquele remédio, se outra pessoa pergunta eu vou lá, tem vezes que eu pego e entrego as folhas. Teve uma mulher que ganhou neném e não passou muito bem aí eu peguei umas folhas de algodão e tirei o vinho de algodão. Eu coloquei as folhas de algodão dentro da água quente e aí tirei e joguei dentro da água fria, esfreguei e tirei aquele vinho e levei pra ela umas três vezes. (fala da griô Rosa Mirtes, cedida no dia 16 de março de 2024).

Quando as pessoas veem os griôs eles ficam me perguntando o que eles fazem na comunidade, na verdade essa comunidade aqui. Quando Dona Juscelina estava à frente dela ninguém fazia nada que Dona Juscelina não tomasse o conhecimento. Primeiramente a gente ía compartilhar com ela, em respeito a ele e a luta dela e a coragem dela então ninguém tomava nenhuma iniciativa sem o aval dela, algumas vezes ela consentia em outras vezes ela achava que aquele não era o momento correto e ninguém avançava e foi Dona Juscelina mesmo que sentiu a necessidade a partir da reivindicação das mulheres de começar a fazer um movimento de começar com as mulheres pra serem protagonistas da comunidade aí surge aquele grupo “Negras Mariamas”, antes tinham também um grupo de danças com as jovens chamado grupo “Afro kizomba” [...] mais não tinha nada com as mulheres. E os griôs surge por que uma vez Dona Juscelina estava aqui e umas quatro a cinco pessoas, tinha acabado as festas do 13 de maio e logo

depois a gente faz uma avaliação, e nessa reunião ela começou a falar e começou a chorar e pra nós a festa tinha sido boa e ela disse: “não tem jovens participando, uns ficam é nas calçadas mangando” e aí a gente começou conversar com ela e ela pediu pra nós ajudarmos a cuidar desse público “jovens da comunidade”. Daí, dessa conversa surge o conselho de griô, o trabalho dos griôs, além deles virem aqui hoje pra falar para vocês mais eles fazem um trabalho com os jovens da comunidade inclusive agora, todos os finais de semana de abril os griôs se reúnem com os jovens da comunidade e a comunidade tem por eles um respeito, se somos o que somos hoje é por que antes de nós vieram eles, se não fossem eles nós não teríamos chegado aqui e aí tudo o que a comunidade vai fazer a gente consulta o conselho de griô, eles são as maiores lideranças dentro do Quilombo Dona Juscelina, eles são as raízes consistentes e conselheiros. (fala do atual presidente do Quilombo Manoel Pereira Borges, cedida no dia 16 de março de 2024).

Gordura no fígado remédio é picão preto, só o picão preto meus amigos curam mais de 30 doenças. Olha aquilo que chamamos de ervas daninhas, não são ervas daninhas. A Xanana é um anti-inflamatório pra essa região do intestino [...] tem outra erva chamada erva botão é bom pra mordida de cobra e mordida de escorpião, ela cura muitas doenças da parte do fígado, do baço. Gente as plantas curam e cientificamente elas curam 90% das nossas doenças. Olha, está com diarreia, com infecção de garganta, dor de barriga é a folha de goiaba. Todo mundo deveria ter no seu quintal um pé de manga, está com gripe, problema de pulmão faça a garrafada da entrecasca da manga ou o chá da folha da manga, assim nós vamos morrer só com 100 anos. (fala da indígena Jucilene, cedida no dia 16 de março de 2024).

4.2 Relatos do VI Encontro de Vivências do Conselho de Griôs e Juventude Quilombola da Comunidade Dona Juscelina

“Antes não tinha veterinário, médico não era fácil e a gente raramente via alguém aleijado de uma quebradura” (fala da griô Leonice “Lena”, cedida no dia 13 de abril de 2024).

Antigamente para ir em Araguaína era 2 dias e meio de viagem, indo a pé pois aqui não tinha carro e nem ônibus. Quando alguém quebrava o braço a gente pegava uns talos de coco, tirava as costas do talo de coco e fazia aqueles talinhos de 20 cm de comprimento, bem quadradinha e bem lisinha, fazia uma esteira com elas, amarrando um cordãozinho na parte de baixo e na de cima e amarrando com aqueles talinhos, depois vem as plantas por cima do braço e mais uns talinhos amarrados, esse braço sarava, nós chamávamos isso de braço na tipoia. (fala do griô Dos Santos, cedida no dia 13 de abril de 2024).

Aqui em Muricilândia ultimamente a gente sofria muito com problema de malária, aqui não tinha nenhum hospital e nem farmácia, o lugar que tinha uma única farmácia era em Araguaína na farmácia do Barroso e em Araguaína naquele tempo não era igual hoje não. Quando chegávamos lá pra comprar remédio, se ele soubesse que nós éramos daqui “do morro da velha”, isso por que o povo de Araguaína ficou enciumado porque aquele povo

encostado de Araguaína veio pra cá, foi muita gente, então ele não vendia pro povo daqui não, comprava se negasse que morava pra cá. A gente apelava pra febre e qualquer coisa era com remédio do mato e é isso que nós vamos fazer nesse encontro de nos aprofundarmos nosso conhecimento nas plantas que resolveram os nossos problemas de saúde. (fala do griô Dos Santos, cedida no dia 13 de abril de 2024).

“Na minha casa tinha muito esse negócio de chupar laranja e colocar pra secar por que serve pra remédio, as vezes a comida fazia mau aí a gente pegava aquelas cascas de laranja e fazia o chá” (fala da griô Eurânia, cedida no dia 13 de abril de 2024).

O griô Dadá contou que há um tempo atrás precisou fazer uma cirurgia, porém sua pressão estava alta e em decorrência disso, não conseguiu operar. Ele deu 4 viagens em Arapoema para fazer a cirurgia e em todas elas, não foi possível pelo fato de sua pressão está alta. Um dia ensinaram para ele que se ele fizesse o chá da folha da cana caiana sua pressão iria controlar. Com isso, ele fez o chá e tomou até o dia da sua operação. Chegado o dia, a sua pressão tinha normalizado e a sua cirurgia foi realizada. Seu Dadá diz que além da cana caiana o chá da folha da lima também é bom para controlar pressão alta. Algumas pessoas disseram que o chá da casca da laranja também é bom para pressão, principalmente para problemas no fígado e desinteria, comumente chamada de diarreia.

Figura 7 – Roda de conversa entre os jovens e os griôs.



Fonte: Autor.

Uma jovem falou que a mãe dela sempre guardava a casca da laranja, ela e a mãe sabiam que servia pra alguma coisa mais não sabiam ao certo o que seria, portanto, nunca utilizavam.

Uma senhora falou que, há um tempo atrás sentiu uma dor muito forte na barriga e uma mulher fez pra ela um remédio com casca de laranja seca, folha de mamão amarela e folha de ata amarela e disse que foi mesmo que Deus pôr a mão, ela não sentiu mais nada.

Outra senhora falou que quando era pequena, estava com verme e sentia fortes dores na barriga e ela chorava muito, um dia sua mãe pisou no pilão mastruz “conhecido como erva santa maria”, coou, como naquele tempo não tinha leite de vaca, ela tirou leite de cabra, colocou a mistura no fogo com um pouco de rapadura, fez aquele melado e deu pra ela beber. Ela afirma que esse foi um santo remédio pra eliminar os vermes.

Uma jovem ensinou para os demais que o chá da casca de laranja, a folha do mamão amarelo e o alho é bom pra comida que faz mal. Ela continuou dizendo que tem como fazer esse remédio de duas formas. Colocando a folha amarela do mamão é bom pra comida que faz mal e a folha verde é pra desintoxicar o fígado. Ela deu testemunho de pessoas que tomaram esse remédio e ficaram bem, disse que teve uma pessoa que comeu uma carne de porco e passou 15 dias sentindo febre e dor de estômago, que já tinha tomado remédios de farmácia e não tinha resolvido e só melhorou depois que tomou esse remédio caseiro.

Teve o testemunho de uma senhora que curou uma gastrite que já estava se transformando numa úlcera e ela curou com remédio caseiro. Ela tomou 12 litros do sumo das folhas do gervão, folha santa e algodão. Ela tomava esse remédio todos os dias e ficou curada.

4.3 Visita aos Quintais produtivos de ervas medicinais

4.3.1 - 1º Quintal: Quintal da Dona Maria Bartolomeu Novais Alencar

Tabela 2 – Ervas encontradas no quintal da Dona Maria Bartolomeu e suas características.

Erva	Parte utilizada	Serve para	Forma de preparo
Cordão-de-frade ou cordão de São-Francisco	Folhas “verdes”	Pressão arterial e fungicida	Chá

Romã	Folha e flor	O chá da folha é bom para garganta e a flor com própolis para refluxo	Chá
Toda dor ou sete dor	Folha	Estômago	Chá
Capim-santo	Folha	Abaixa a pressão arterial e relaxa os nervos.	Chá
Citronela	Folha	Combate pernilongo e relaxa os nervos	Chá
Açafrão	Raiz	Dores nas articulações (artrose, artrite) e gripe.	Chá
Gengibre	Raiz	O chá serve para dor de estômago, dor de garganta, emagrecer e o xarope para gripe.	Chá e xarope
Amora	Folha	Controlar os calores da menor pausa, dor de estômago.	Chá
Mertiolate	Óleo da folha	Cicatrizar feridas	Óleo
Folha santa	Folha	O chá tem efeito bactericida, cicatrizante de ferimentos internos e externos, o óleo serve para dores de ouvido. A garrafada com mastruz, gervão e folha santa é bom para cicatrizar ferimentos e inflamação. A folha morna sara furungos.	Chá, garrafada e óleo.
Gervão	Folhas	Os banhos "lavar as narinas e a cabeça" são bons para tratar a sinusite. O chá serve para dor de cabeça e gripe.	Banhos e chá.
Tipi ou guiné	Folhas	Dor de cabeça, resfriado. Para desentupir o nariz coloca o tipi no álcool e após 3 dias faz a inalação.	Banhos, chá e inalação.
Graviola	Folha e casca	O chá da folha amarela serve para dor de barriga, comida que faz mal. A garrafada da casca com o	Chá e garrafada.

		álcool ou o vinho branco cura o câncer uterino.	
Boldo	Folhas	Problemas estomacais e fígado.	Chá
“tranca cu”	Folhas	O chá com uma pitada de sal serve para cicatrizar ferimentos.	Chá
Castanha-da-índia	Batata	Coluna e diabetes	Chá
Babosa	Folha	Queimadura, cabelo e o chá serve para gripe.	Chá
Taioba	Folha e batata	Controla a imunidade e o polvilho da batata serve para gastrite.	O polvilho da batata, chá.
Velame	Folha	O chá é bom para crianças e para constipação em adultos.	Chá
Meracilina ou terramicina	Folha	É um antibiótico natural, serve para infecção.	Decocção
Alecrim	Folha	É bom para queda de cabelo e relaxar os nervos.	Chá
Hortelã	Folhas	O chá é bom para barriga, estômago e o xarope é bom para gripe.	Chá e xarope
Puejo	Folhas	Gripe e estômago	Chá
Losna	Folhas	Serve para câncer	Chá
Boldo-chinês	Folhas	Problemas estomacais	Chá
Ora-por-nobres	Folhas	É bom no frango, na carne, salada, dor de cabeça, coração e gripe.	Chá e folhas
Sabugueiro	Folhas	Sarampo, catapora, cachumba, micose e coceira.	Chá
Baleira	Folhas	Dores em geral, artrose, artrite e câncer.	Decocção
Algodão	Folhas	Quebraduras, estômago e inflamação.	Sumo

Cura tudo	Folhas	Estômago	Chá
Aveloz ou cachorro pelado	Óleo da folha	Coloca um pingo do óleo do aveloz encima da verruga, faz cair a verruga. Para curar câncer é só quebrar o galho do aveloz e colocar 3 pingos do óleo em um litro de água.	Garrafada com o óleo
None	Fruto	A garrafada do none com o vinho branco serve para emagrecer e é bactericida.	Garrafada

Figura 8 – Algumas ervas encontradas no quintal de Dona Maria Bartolomeu; A) Boldo “grande”; B) Alecrim; C) Açafrão; D) Taioba)



Fonte: Autor.

Figura 9 – Visita ao quintal de Dona Maria Bartolomeu.



Fonte: Autor

4.3.2 - 2º Quintal: Quintal do Seu Geraldo Delmondes Ferreira “pai da Maria Bartolomeu”

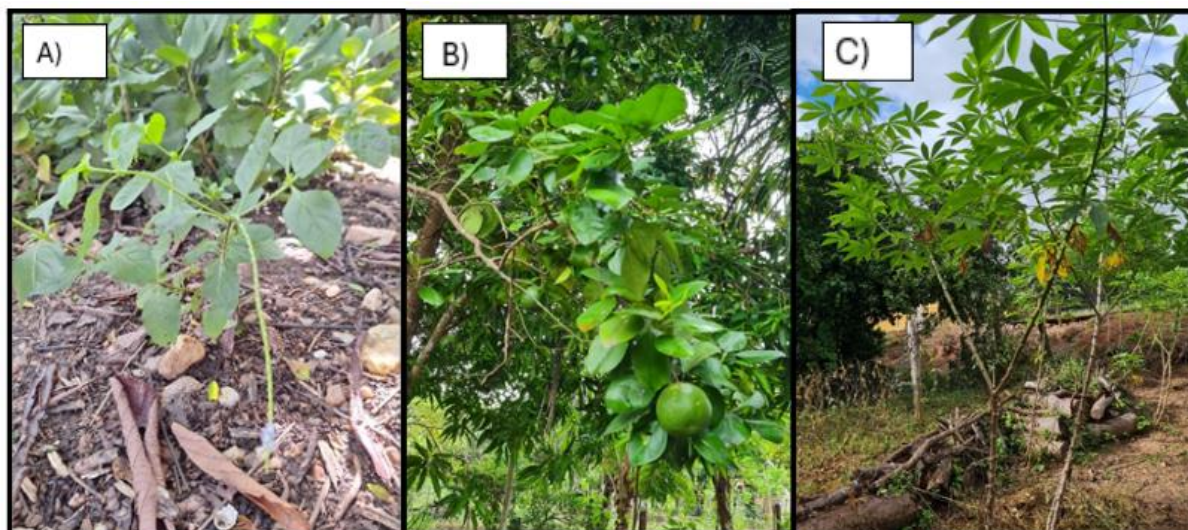
Tabela 3 – Ervas encontradas no quintal do Seu Geraldo Delmondes e suas características.

Acerola	Folhas	Gripe	Chá
Açafrão	Batata	Gripe	Chá e o xarope
Abacaxi ananás	Fruto, casca	Pedra nos rins	Comer o fruto ou fazer sumo da casca
Batata doce	Casca	Diabetes e anemia	Sumo
Biribá	Folha amarela	Pressão alta	Chá
Algodão	Folhas	Inflamações até mesmo inflamação uterina	Sumo
Castanha-da-índia	Batata	Diabetes e problema de coluna	Chá
Cordão de São-Francisco	Folha	Problemas de pressão arterial	Chá

Cana-de-macaco	Ramo	Problemas renais e coluna	Coloca a cana de molho e toma
Cidreira	Folha	Gripe	Chá
coquinho	batata	desintéria	Chá
Gervão-roxo e gervão-branco	folha	Cicatrizante de ferimentos	Chá ou sumo
Graviola	Folha amarela	Câncer e pressão alta	Chá
Goiaba	Folha	Desintéria	Chá
Feijão-andu	folha	Sinusite e enxaqueca	Chá
juazeiro	Folha	gripe	Chá
Laranja-da-terra	Fruto "laranja"	Pedra nos rins	Suco
Limão	Fruto	Gripe, tosse e coriza	Chá
Manga comum	Casca	Diabetes e próstata	Chá
Mamão	Folha amarela, flor	Desintéria, a flor do mamão macho é boa para diabetes	Chá
Malva-relógio	Raiz	Problema nos rins	Chá
Malva-da-índia	Folha	Diabetes e coluna	Chá
Maria-mole ou cana pista	Flor	Verme e gripe, para criança que está amarela e com a barriga grande.	Chá
Mandioca mansa	Folha	Problema de fraqueza e anemia	Pega a folha da mandioca, coloca pra secar, moe e coloca um pouquinho da tapioca no almoço e na janta.
Melão-são-caetano	Folha	Anemia e diabetes	Sumo
Picão "agulha de vaqueiro"	Raiz	hepatite	Chá
Velame	folha	AVC "derrame"	Chá
Perpétua	Flor	Palpitação do coração	O chá de 7 flores

Sete dor	Folha	Problemas estomacais e comida que faz mal.	Chá
----------	-------	--	-----

Figura 10 – Algumas ervas encontradas no quintal de Seu Geraldo; A) Gervão “roxo”; B) Laranja-da-terra; C) Mandioca “mansa”.



Fonte: Autor

Figura 11 – Visita ao quintal de Seu Geraldo



Fonte: Autor

4.3.3 - 3º Quintal: Quintal da Dona Elena Carvalho da Cruz “Dona Elena”

Tabela 4 – Ervas encontradas no quintal de Dona Elena e suas características.

Alfavaca	Folha	Gripe forte e sinusite	Fazer o banho com o chá
Fedegoso	Raiz	gripe	Chá
Gervão	folhas	Ferimentos	Sumo
Hortelã	Folha	Gripe e estômago	Chá
Erva cidreira	Folha	Febre, dor de cabeça, gripe e é calmante.	Chá
Manjeriçã	Folha	Dor de cabeça	Fazer banho com o chá
Poejo	Folha	Dor de barriga e várias doenças de crianças.	Chá
Sabugueiro	folha	Pneumonia	Chá
Tipi	folha	sinusite	Coloca o tipi no álcool e faz a inalação
Urtiga	folha	Infecção de pele “zipra ou erisipela”	Chá

Figura 12 – Algumas ervas encontradas no quintal de Seu Geraldo; A) Manjeriçã; B) Hortelã; C) Alfavaca.



Fonte: Autor

Figura 13 – Visita ao quintal de Dona Elena



Fonte: Autor

4.4 Remédios Medicinais Produzidos pelos Jovens da Comunidade

No dia 20/04/2024 no turno vespertino, os jovens quilombolas “griôs aprendizes” e os Griôs da Comunidade se reuniram para dar continuidade ao VI Encontro de Vivências do conselho de Griôs e a Juventude Quilombola, de tema: “As Plantas Medicinais do Quilombo Dona Juscelina: Saberes, Fazeres, Cuidados e Território”.

Após já terem aprendido sobre as práticas e vivências dos Griôs e de terem conhecido os quintais produtivos de 3 quilombolas, sendo 1 Griôs da Comunidade e 2 não griôs. É chegada a hora mais esperada pelos jovens que é a produção dos remédios caseiros. Para a produção os jovens foram divididos em 4 grupos sendo eles, dor de cabeça, desinteria, problemas de fígado e gripe. Os jovens se organizam de forma que todos observam, fazem e aprendem a como fazer os remédios, vale falar que, cada grupo recebe as instruções dos Griôs. A seguir, estão descritas as receitas dos grupos.

Figura 14 – Fotos dos jovens produzindo remédios caseiros através das ervas



Fonte: Autor

4.4.1 - Grupo 1: Dor de cabeça

Receita 1:

Ingredientes: Folhas de cravo de anjo, arruda, capim citronela, hortelã vick, folha de losma, malva do reino, velame e álcool.

Modo de preparo: Lave todas as folhas, seque bem com um papel toalha até que as folhas fiquem totalmente secas. Feito isso, peguei uma garrafa pet de 500 ml e coloque de 2 a 3 folhas das ervas dentro da garrafa. Por fim, coloque o álcool até cobrir as ervas. Depois é só tampar e esperar uma semana para fazer o uso do remédio.

Indicação: Cheira o remédio, em caso de sentir alguma dor de cabeça, sinusite e rinite.

4.4.2 - Grupo 2: Desintéria

Receita 1: “chá”

Ingredientes: Folhas de boldo “grande”, sete dor, folha santa, velame, losma e água.

Modo de preparo: Lave todas as folhas, faça o chá e tome uma colher de sopa de chá de manhã e à noite.

Receita 2: “chá”

Ingredientes: Folhas de boldo chinês, sete dor e água.

Modo de preparo: Lave todas as folhas, faça o chá e tome uma colher de sopa de chá de manhã e uma à noite.

Receita 3: “chá”

Ingredientes: Folha seca de mamão, casca de laranja, água e uma pitada de sal.

Modo de preparo: Lave todas as folhas, faça o chá. Com o chá morno ou frio, tome uma colher de sopa de chá de manhã e uma à noite.

Receita 4: “chá”

Ingredientes: Batata de coquinho, 3 olhos de goiaba, água e açúcar.

Modo de preparo: Lave todos os ingredientes, amasse o coquinho, coloque em panela com os olhos de goiaba, uma pitada de açúcar e leve ao fogo com um pouco de água. Após fazer o chá, espere esfriar e tome uma colher de sopa de chá pela manhã e à noite.

4.4.3 - Grupo 3: Problemas no fígado**Receita 1: “infusão”**

Ingredientes: Picão e água.

Modo de preparo: Coloque em um recipiente a água e leve para ferver. Lave o picão e coloque dentro de uma xícara, acrescente a água já fervida dentro da xícara, abafe com um pires e assim que o chá mornar, beba.

Sumo do boldo

Ingredientes: Folhas de boldo e água.

Modo de preparo: Lave as folhas de boldo, coloque o boldo num pilão e macere até obter o sumo, coloque um pouquinho de água e coe. Após isso, tome uma colher do sumo de boldo de manhã e à noite.

4.4.4 - Grupo 4: Gripe

Receita 1: “chá”

Ingredientes: 2 unidades de gengibres lavados e pisados, 10 folhas de acerola, folha de açafrão, água, mel ou açúcar a gosto.

Modo de preparo: Higienize os ingredientes, coloque em um recipiente com água para cozinhar, deixe ferver por 10 minutos, depois de frio beba cerca de 30 ml. Pode ingerir por até 2 dias consecutivos.

Contraindicação: Pessoas que tem problema de coração não podem tomar.

Receita 2: “chá”

Ingredientes: 1 unidade de limão cortado em cruz, 3 folhas de laranja, 2 dentes de alho, 5 folhas grandes de malva santa, água, mel ou açúcar a gosto.

Modo de preparo: Lave todas as folhas, coloque em um recipiente para cozinhar com água. Deixe ferver por 10 minutos e adoce a gosto.

Receita 3: “melado ou xarope”

Ingredientes: Malvas Santa, Folhas de hortelã, algodão, gervão, meracilina, água, açúcar ou mel a gosto.

Modo de preparo: Lave todas as folhas, coloque as todas as ervas medicinais em um recipiente com água e deixe ferver bem até ficar um chá com a coloração mais escura. Após isso, o chá deve ser coado, e levado ao fogo com o açúcar ou o mel e cozinha até o chá engrossar. Depois do xarope ter esfriado, coloque em um recipiente com tampa e conserve bem. Em casos de gripe, utilize o xarope por no máximo 5 dias.

Receita 4: “chá”

Ingredientes: 3 unidades de gengibre descascado e pisado, raiz de gervão, água e açúcar a gosto.

Modo de preparo: Lave todas as folhas, coloque tudo em um recipiente e leve ao fogo por 10 minutos.

Contraindicação: Pessoas que tem problema de coração não podem tomar esse remédio caseiro.

5. LEVANTAMENTO DOS CONHECIMENTOS CIENTÍFICO DAS ERVAS MEDICINAIS

Tabela 5 – Resultados obtidos através da análise feita com Base Nos Estudos do Conhecimento Científico.

Erva	Nome Científico	Parte utilizada	Atividade terapêutica	Forma de preparo	Compostos Químicos
Açafrão	Curcuma longa L.	Rizoma	diabetes, hiperlipidemia, distúrbios gastrintestinais, tratamento de feridas cutâneas, flatulências, artrite, gastrite, desordens hepáticas, icterícia, tosse, previne Alzheimer, demência, Parkinson, além de ser anti carcinogênico, doenças de pele, diabetes, varíola, malária, expectorante e anti-inflamatório, prevenção de isquemia miocárdica.	Extrato seco de rizomas triturados com mel e cataplasma.	curcuminoídes, álcool aromático, monoterpênicos, óleo essencial, turmeronois, sesquiterpenos
Alecrim	Rosmarinus officinalis L.	folhas e flores.	É indicada em casos de bronquite e asma antimicrobiano, antiulcerogênico, antifúngica, anticáspica e previne a queda de cabelo, reduz o estresse, é analgésica colagoga, antisséptica, nacrótica, emagagoga.	Infusão, preparo de alimentos	Hidrocarbonetos, flavonoides, ácidos terpenoides, ácidos oleanólicos, labiáticos, neoclorogênico e rosmarínico, saponina, alcaloides e taninos, ursólico, diterpeno carnosol, ácidos cafeico, clorogênico.
Anador	Justicia pectoralis Jacq	Parte aérea	contra tosse, como expectorante e broncodilatador.	Infusão	cumarinas, flavonoides, saponinas e taninos.

Assa-peixe	Vernonia polyanthes	Folhas	Bronquite, tosse persistente e dores musculares.	Infusão, xarope.	flavonoides e ácidos graxos, terpenos, compostos fenólicos.
Arruda	Ruta graveolens L.	Toda a planta	Possui atividade antifertilidade, dor de cabeça, antipirético, antioxidante, analgésico, anti-hiperglicêmico, antiviral, trata feridas e reumatismo problema cardíaco, distúrbio gastrointestinal, gota, cólica intestinal, convulsão, diabetes, gripe com tosse, febre, derrame, dormência, anticoncepcional, anti-inflamatório, antimicrobiano, verme, problema renal, dor de ouvido, bexiga, sinusite, tontura, fraqueza cerebral.	Infusão	Óleo essencial volátil cumarinas, alcaloides, glicosídeos, flavonoides, ácidos fenólicos.
Alfavaca	Ocimum gratissimum L.	Folhas e sementes	Causa o aumento da secreção láctea. É indicada para incômodos dos gases intestinais, das gripes, resfriados nas dores articulares, alivia os e afecções respiratórias de diversas origens.	Óleo e decocção.	Eugenol, β -cariofileno, e γ -muuroloeno, estragol, cinamato de metila, flavonóides.
Babosa	Aloe vera	Polpa in natura.	Antitumorais, antidiabéticas, antitiroxinase, antioxidante, anti-inflamatória, propriedades hepatoprotetoras, imunomoduladoras e antiulcerosa Cicatrizante, Analgésico, além de ser um poderoso agente hidratante	Como cataplasma, em compressas.	É composto de Aloína, resina, polissacarídeos, heterosídeos antraquinônicos, emodina livre.
Malva-do-reino	Plectranthus barbatus Andrews	Folhas	Antidispéptico	Infusão	triterpenóides e esteroide, óleo essencial (valenceno e trans-cariofileno), princípio amargo, barbatusina, ciclobarbatusina, cario-cal.
Boldo-pequeno	Plectranthus ornatus Codd	Folhas	Dispepsias e azia	Decocção	trans- β -cariofileno, eugenol e timol ¹⁶ , diterpenos e triterpenos

Capim-santo	Cymbopogon citratus (DC.) Stapf	Folha frescas ou secas e rizomas.	Hipotensor, sedativo, antiespasmódico, antimicrobiano, digestiva em casos de gases intestinais, relaxante muscular e analgésico.	Infusão	Óleos essenciais, citronelal, isovaleraldeído, decilaldeído, cetonas, geraniol, metil heptenol, farnesol, terpenos, flavonóides, substâncias alcaloídicas, triterpenóides.
Citronela	Cymbopogon nardus	Folhas	Antioxidante, antibacteriana e repelente.	Decocção e infusão.	Óleo essencial (monoterpenos acíclicos, citronelal, geraniol, citronelol, linalol, cis calameneno, β -elemeno, citral).
Cordão-de-São-Francisco	Leonotis nepetifolia (L.) R.Br	Ramos	tratamento de doenças respiratórias, uterinas, estomacais, renais, reumatismo, bronquite e asma, analgésica, inflamações, infecção de pele, antidiabética, ansiolítica.	Decocção	feniletanoides glicosilados, ácido alênico, diterpenoides, flavonoides, ésteres graxos, iridóides (incluindo glicosilados), cumarina.
Sabugueiro	Sambucus australis Cham. & Schltl., Sambucus nigra L	Folhas e flores	é indicada em casos de gripe, febre, bronquite, asma, reumatismo e afecções renais, diurética, antipirética, anti-inflamatória, laxativo leve.	Infusão e tintura.	Flavonoides, glicosídeos, compostos ácidos, triterpenos, óleos voláteis.
AroeiraAroeira	Schinus terebinthifolius Rad	Casca seca	Antibiótica, antifúngica, cicatrizante, balsâmica, anti-inflamatória, depurativa, diurética e hipotensiva. artrite, febre, hipertensão, micoses e afecções da pele e respiratória.	Decocção e tintura.	vitamina C, caratenoides, capsaicina, alcalóides, flavanóides, taninos, esteroides, esteroidais, triterpenos, óleo essencial, saponinas
Louro	Laurus nobilis L	Folhas	anticonvulsivante, analgésica, antiinflamatória, antioxidante, ação carminativa, digestiva, antiespasmódica, hemorróidas, reumatismo, contusões.	Infusão e como condimentos e aromatizantes.	eugenol, linalol, sabineno, limoneno, pinoeno, cineol, geraniol e canfeno, alcalóides.

Algodão	Gossypium herbaceum L.	Folhas	Antibacteriano, anti-inflamatórias, antioxidantes, antidiabéticas, analgésicas, ação antimicrobiana, estimulante da cicatrização, alívio de dores e reumatismo.	Infusão, maceração e decocção	Ácidos graxos, aminoácidos, ácidos glutâmico, arginina e ácido aspártico, isoleucina, valina, cistina e metionina, lisina, fenilalanina, tirosina e treonina, leucina.
Alho	Allium sativum L.	Bulbo	Possui atividade antiasmática, anti-hipertensiva, antimicrobiano, antifúngico, anti-inflamatória, antirreumática, hipoglicemiante, anti helmíntico, expectorante, antisséptico, pulmonar, tônico, vermífugo, hipoglicemiante, febrífugo, antiplaquetário e antioxidante	Tintura, pó ou inserido na alimentação in natura.	Vitaminas B1, B2, C, niacina, aliina, alicina, alil mercaptano, S-alil-cisteína, compostos γ -glutâmico, dialil sulfeto, ajoeno, adenosina, saponinas, selênio, ácidos fenólicos, inulina, como também ferro, cálcio e fósforo
Amora	Morus nigra L.	Folhas, fruto e caule	Possui ação expectorante, emoliente, diurético, cicatrizante, antidiarreica, anti-inflamatório e antioxidante, adstringente, reposição hormonal, hipoglicemiante,	Infusão, pó, tintura e sucos	Flavanóides, aminoácidos, ácidos graxos, ácido ascórbico, ácido málico, frutose, glicose, taninos, sais minerais, aminoácidos, caroteno.
Boldo	Peumus boldus Molina.	Folhas	Antidiarreico, depurativo, diurético, antioxidante, colerético, hepatoprotetor, e antiespasmódico nas cistites	Infusão	flavonóides, taninos, cumarina, boldina, isoboldina, laurotentina, laurolitsina, eucaliptol, cineol, ascaridol, linalol, eugenol.
Cravo-da-índia	Eugenia caryophyllata	Botão floral	Bronquite, dermatomicoses, limpeza de feridas, ulcerações dérmicas, flatulência, antidiarreico, dispepsias hiposecretoras, estomatite, parodontopatias, odontalgias, amidalites.	Infusão, pó e óleo essencial.	Acetato de eugenol, cavicol, flavonóides e taninos elágicos, salicilato de metila, β amirina, ácido protocatéquico, ácido Gálico, ácido Cratêgólico, ácido oleânico.

Erva baleira	<i>Cordia verbenácea</i>	Folhas	Trata artrite reumatoide, gota e problemas gastrointestinais, anti-inflamatória, dores musculares, nevralgias, contusões, tendinites, reumatismos.	Infusão e tintura	Óleos essenciais, flavonóides, alantoina, artemetina, açúcares alfa e humuleno.
Erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	Folha e caule	Tem ação sedativo, antioxidante, auxilia nos espasmos gastrintestinais, meteorismo, antidiarréico, insônia, anti-hipertensivo, taquicardia, enxaqueca, asma, dismenorréia, em feridas, no hipertiroidismo e em herpes simples.	Infusão, decocção, tintura e extrato.	Ácido Rosmarínico, linalol, nerol, geraniol, citronelol, flavonóides, ácidos carboxílicos, taninos, mucilagens urônicas.
Fedegoso	<i>Cassia occidentalis</i> L.	Folhas	Estimula o fluxo menstrual, combate a cólica, resfriado, febre, afecções do fígado, problemas de estômago, infecções gerais, purgativa, analgésica, tratamento de feridas, micose, conjuntivite, diurético, diarreia, verme, parasitas, distúrbios hepáticos, tratamento de feridas, micose, conjuntivite, diurético.	Decocção	glicosilados, xantonas, taninos, saponinas, antraquinonas, flavonoides, terpenos e esteroides
Gengibre	<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe	Rizomas	Antiinflamatório, asma, cólica, rouquidão, analgésico, antipirético, anti-hepatotóxica e antinauseante. bronquite, menorragia, anorexia; problemas reumáticos, dores de cabeça.	Extrato, decocção, infusão.	zingibereno, gengiberol, zingiberenol, arcurcumeno, canfeno, pentadecanoico, heptadecanoico, ácido fosfatídico, lecitinas, gíngerglicolípideos A, B, e C, ácidos orgânicos, sais minerais, resina e gengero.
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Folhas, cascas, frutos e até a raiz.	Antidiarreica, hipoglicemiante, antioxidante, antiespasmódica, antimicrobiana em lesões de pele e mucosas e antimicrobiana.	Infusão, maceração e decocção.	Taninos, esteróis, cumarinas, flavonóides, ácido cinamóico e hexenóico ácido ascórbico, proteínas, hidratos de carbono, fibras, cálcio, fósforo, ferro, sódio, potássio, caroteno, tiamina, riboflavina e niacina.

Graviola	<i>Annona cherimolia</i> Miller	Folhas, sementes, frutos	Tem ação adstringente, antiinflamatória, diurética, febrífuga, sedativa, antiespasmódicos, antidiarreicos, antiulcerosos, anti-cancerígena, anti-reumática, antibacteriana, vasodilatadora, antiparasitários, sedativos, analgésicos, hipotensos e vermífugos.	Suco e infusão	ciclopeptídeos e com postos fenólicos, acetogeninas, alcaloides.
Hortelã	<i>Mentha suaveolens</i> L.	Folhas	ação digestiva, carminativa, antiespasmódica, colagoga.	Infusão	flavonoides, taninos e resinas, óleo essencial (que consiste em mentol, mentona, cineol e limoneno).
Hortelã-pimenta	<i>Mentha piperita</i> Smith.	Folhas	Possui atividade anti inflamatória, trata gripe, tosse, bronquite, inflamação da mucosa oral e garganta, distúrbios biliares, rinite, sinusite, aliviando a febre, gastrite, cólicas intestinais e espasmos do ducto biliar, dor de cabeça, dor de garganta e tosse, dor de cabeça, resfriado, neuralgia, dispepsia, enterite, flatulência, vesícula biliar e do trato gastrointestinal.	Infusão	Óleo Essencial, mentol, mentona, flavonoides, monoterpénoides, polifenóis,
Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Fruto, casca e folhas	É indicada em casos de infecções na bexiga, problemas pulmonares, anti-inflamatória, tratamento gástrico, antidiarreico, debilidade física, vermes, fraqueza, cólicas, anemia, leucemia, problemas de próstata.	Decocção e infusão	ácidos graxos, oligossacarídeos, terpenoides, flavonoides.
Laranja-da-terra	<i>Citrus aurantium</i> L	Casca e folhas	contra tosses intermitentes, flatulências, cólicas de bebês, má-digestão, calmante, coceira e diarreia, diurética, hipotensora, expectorante, antigripal, antitérmica, ansiedade e outros distúrbios do sistema nervoso central.	Decocção	flavonoides, triterpenos, alcaloides, monoterpénos, esteroides, cumarinas, limonoides.
Losna	<i>Artemisia vulgaris</i> L	Folhas secas	febres, anemias, cólicas intestinais, tônico da circulação sanguínea, cólicas e distúrbios menstruais, anti-inflamatória, antifebril, digestiva, calmante e diurética, antianêmica, reumática, sedativa, vermífuga, analgésica, antiespasmódica, anti-convulsiva, anti-inflamatória, antifebril, digestiva, calmante e diurética.	Óleo e infusão	Ácido antêmico, ácido fórmico, ácido isobutírico, ácido succínico, aromadendrino, artemisina, artemose, colina, cumarina, estigmasterol, e terpineol, estragole, fechona, felandreno, fernerol,

					tauremisina, terpineno, terpinoleno
Manjeriçã	Ocimum sactum L.	Folhas e flores e raiz.	Auxilia no tratamento de problemas respiratórios, antitussígeno, tem propriedades carminativa, antiespasmódica, antisséptico intestinal, anti-pirético, sudorífico, diurético, anti-helmíntica e a antimicrobiana, auxilia no tratamento de problemas respiratórios, antitussígeno,	Banho, xarope, infusão, cataplasma, decocção.	flavonóides, ácidos orgânicos, óleos essenciais (cineol, eugenol, linalol, estragol), taninos, saponinas.
Manga	Mangifera indica L.	Folhas	Verminose, diabetes diarreia, asma.	Decocção	flavonoides glicosilados, xantonas, compostos fenólicos.
Maracujá	Passiflora incarnata L.	Folhas	É indicado em casos de Ansiedade, taquicardia nervosa e doenças espasmódicas, perturbações nervosas da menopausa, insônia.	Infusão, tintura e óleo - semente	Alcalóides, flavonóides, glicosídeos cianogênicos, sitosterol, resinas, ácido lipoic e ácido parinário, estigmasterol, saponina, taninos, pigmentos, pectinas, serotonina.
Mastruz	Dysphania ambrosioides	Folhas, espigas e cascas	Antifúngica, sedativa, carminativa, anticancerígena, emenagoga, anti-inflamatória, fraturas ósseas, diurético, expectorante, tosse, gripe, tuberculose, distúrbios respiratórios, vermífugo, cicatrizante, Antiulcerosa, purgante, anti-hemorroidária.	Infusão, decocção e cataplasma.	Óleos essenciais, álcoois terpênicos, flavonoides, polifenóis.
Melão-são-caetano	Mormodica charantia L.	Fruto	Cicatrizante, colerética, depurativa do sangue, emética, hipoglicêmica, purgativa, vermífuga, adstringente, afrodisíaca, estomáquica, anti-helmíntica, anti-hemorroidária, antidiabética, antimicótica, antifebrífuga, hemostática, antipalúdica, antifatulenta, antipirética, antivenérea e vomitativa, antileucorreica, antirreumática.	Maceração e decocção.	ácidos graxos, compostos fenólicos, fitosteroides, tepenoides, flavonoides.
Quebra-pedra	Phyllanthus niruri L.	Caule e folhas	ação antibacteriana, antiespasmódica e anticancerígena, analgésico, hipoglicemiante, além de ação antihepatotóxica, hepatoprotetora e antioxidante. Em doses acima do normal pode apresentar ação abortiva e purgativa.	Infusão	Hidrocarbonetos alifáticos, Álcoois, aldeídos e ácidos alifáticos acíclicos, tricontanol. Ácidos carboxílicos simples, ácido gálico. Flavonóis e flavononas,

					Taninos, Fenilpropa- nóides.
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Fruto, pó, casca e folhas.	inflamações na boca e garganta, anti-helmíntico, diabetes, hemorroidas, hematúria, artrite, tosse, antioxidante, antibacteriano, antifúngica, problemas digestivos e de pele, infecções urinárias, hemoptise, desinteria.	Infusão, Decocção, xarope.	glicosilados, alcaloides, taninos compostos fenólicos, flavonoides hidrolisáveis, ácidos graxos.
Picão-do-mato ou Picão-preto	<i>Bidens pilosa</i> L.	raiz e galhos	Trata problemas renais, flatulência, má-lária, úlceras no estômago e na boca, inflamação, distúrbios do estômago, hemorroidas, cólicas, febre, hipertensão arterial, úlceras, diabetes, infecções, dor de cabeça, diarreia, ressaca, como antidoto de veneno, faringite.	Chá e banhos	terpenos, ácidos graxos e fitoesteróis, poliacetilenos e flavonoides (incluindo glicosilados), ácidos fenólicos.

Fonte: (CAMARGO, 2014); (SEVERINO 2021); (TAVARES, 2015); (VILAR, 2019).

6. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Segundo momento foi a elaboração da sequência didática.

Sequência Didática é um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos (ZABALA, 1998, p.18).

Para a elaboração da Sequência Didática, foi utilizado como base os resultados obtidos através da coleta de dados dentro do Quilombo Dona Juscelina, como também a teoria de pesquisa de Saviani (2011) que visa a pedagogia através dos conceitos histórico-crítico, isso porque:

O objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

A sequência didática elaborada tem como público, as turmas de 1º série do Ensino Médio das Escolas Estaduais/Quilombolas de Muricilândia-TO isso, por envolver conceitos de separação de misturas e propriedades químicas, conteúdo este presente no currículo desta série. O objetivo da sequência didática é trabalhar os conceitos para desenvolver nos alunos o conhecimento químico a partir dos conhecimentos populares referentes as ervas medicinais.

A SD foi estruturada da seguinte forma:

6.1 Prática social:

Na primeira aula será realizado um levantamento com a turma para saber o conhecimento prévio dos estudantes sobre o tema “ervas medicinais”. Para isso, será apresentado algumas fotos de ervas e será perguntado a eles se eles conhecem ou já ouviram falar daquelas ervas e se conhecem alguma delas. Nesta etapa, será feita uma visitação com os alunos no quintal do Griô Geraldo Delmondes.

6.2 Problematização:

Em seguida, será feita a problematização destas ervas ao relacionar a parte histórica, a partir dos referenciais teóricos desse TCC, com as possíveis aplicações levantadas pelos alunos durante a etapa anterior. Trazendo a importância das ervas medicinais para os estudantes do quilombo Dona Juscelina, apresentando as receitas anteriormente citadas pelos Quilombolas. Será trabalhada a tabela 4 deste TCC para eles fazerem a relação entre o nome popular e o nome científico da erva medicinal e também, para entenderem as atividades terapêuticas de cada uma delas.

6.3 Instrumentalização:

Será realizado uma simples experimentação de dois momentos sobre a temática de separação de misturas envolvendo as propriedades do açafrão e o cravo-da-índia, trabalhados através da tabela 4, onde por meio delas será possível discutir e problematizar como que os conceitos químicos sobre separação de misturas e essas determinadas especiarias interagem e afetam o cotidiano dos alunos.

Para o experimento serão necessários os seguintes materiais: raiz de açafrão; açafrão em pó; cravo-da-índia; óleo de soja; recipientes de vidro transparente; panelas pequenas e um fogão ou uma chapa quente para aquecer as misturas.

Antes de começar o experimento, será feito um questionamento para a turma: “para que serve o cravo-da-índia?” “E o açafrão, para que serve?” “Você já viu alguém utilizando algum desses para algo, ou até mesmo para fazer um remédio caseiro?”. A partir disso, será levantada uma discussão envolvendo as suas

respectivas propriedades químicas das ervas, como também as suas aplicações no dia a dia das pessoas.

Depois da discussão, serão realizados dois momentos experimentais com a turma envolvendo as duas especiarias, no primeiro momento será colocado um pouco de cravo-da-índia em uma panela com água e a solução será fervida, à medida que ela for fervendo os alunos deverão observar as alterações sobre aquela substância, desde o momento que inicia o experimento até que a água evapore completamente, eles deverão fazer anotações de tudo o que estão ocorrendo para a próxima discussão e problematização de suas ideias.

No segundo momento experimental serão necessários dois recipientes transparentes, em um deles terá água e no outro óleo de soja, no recipiente com óleo de soja será adicionado o açafrão em pó enquanto que no recipiente com água será adicionado a raiz do açafrão, após isso a solução de água e açafrão também será submetida ao processo de fervura e os alunos irão anotar as suas observações e será questionado o que eles estão observando em cada um dos recipientes e qual é a diferença que eles são capazes de ver entre os dois copos.

6.4 Prática social:

Após toda a experimentação realizada, será retomado a prática social inicial e debatido em sala os princípios químicos envolvidos nessas pequenas experimentações, para isso será passado para a turma o vídeo “Separação de misturas” do canal do *Youtube* “Jac Chaves” para que os alunos vejam de maneira prévia os diferentes tipos de separação de misturas e as suas aplicações mais comuns no dia a dia e relaciona-los como o ocorrido durante a parte experimental.

Após o vídeo, será discutido com a turma as propriedades abordadas durante a experimentação, desde o processo de evaporação como também a extração das propriedades do cravo-da-índia e do açafrão e como essas práticas são de uso comum em suas casas e em todo o quilombo, citando mais uma vez as visitas aos quintais dos quilombolas do Quilombo Dona Juscelina, não apenas isso, mais também será

discutido os conceitos de solubilidade, misturas homogêneas, heterogêneas, misturas com mais de uma fase e separação de misturas.

Na última etapa faz-se um debate e uma resenha da materialização do conhecimento popular e o conhecimento científico. Nesse debate será problematizado as questões sociais relacionadas aos conhecimentos populares dos griôs: a luta pela terra, a luta pela cultura, ao mesmo tempo problematizar a necessidade dos conhecimentos científicos mesclados com os conhecimentos populares, sendo assim, uma forma de resistência dos povos tradicionais, em especial o Quilombo Dona Juscelina.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a presente pesquisa teve como objetivo incorporar os conhecimentos populares da Comunidade Quilombola Dona Juscelina no Ensino de Ciências das Escolas Estaduais de Muricilândia-TO. Para isso, foi necessário conhecer ainda mais os conceitos culturais e a própria história do Quilombo Dona Juscelina, por meio dos eventos locais da Comunidade Quilombola juntamente com os griôs, a juventude quilombola e a comunidade em geral. Através destes, foi possível observar e absorver os conceitos e práticas, mesclando com o Ensino de Ciências.

Através desta pesquisa, também foi possível entender as formas de resistência dos quilombolas, aprofundar e difundir os movimentos culturais do Quilombo Dona Juscelina, através dos eventos, rodas de conversa que a Comunidade organizou juntamente com a participação da população, onde foi possível observar os seus ritos, o cultivo das ervas em suas residências, suas extrações e o preparo de remédios caseiros/natural.

Por meio da pesquisa realizada foi possível avaliar e desenvolver a visão popular dos griôs com as ervas medicinais, que foi a peça fundamental para a produção da sequência didática elaborada para possíveis aplicações no Ensino Médio.

A sequência didática elaborada, é uma ferramenta de ensino que foi desenvolvida para ser aplicada dentro das Escolas Quilombolas, isso por abordar um

conceito cultural muito forte dentro do cotidiano dos alunos, as plantas e ervas cultivadas dentro de suas próprias casas e os remédios caseiros que produzem.

Com essa ferramenta, espera-se contribuir para o Ensino de Química de modo geral, tornando as aulas mais atrativas, participativas e menos monótonas ao trabalhar os conceitos de Saviani sobre a pedagogia histórico-crítico junto com os conceitos de Química sobre separação de misturas e afins.

Para mim, a pesquisa ocorreu de forma satisfatória conseguindo desenvolver de forma eficiente os objetivos traçados, permitindo aprofundar na minha cultura quilombola e utilizando-a como forma de desenvolver um material didático que pode ser utilizado dentro das Escolas Quilombolas. Entretanto, mesmo que não tenha sido possível utilizar deste material para ver os seus resultados e aplicabilidades, isso abre portas para trabalhos futuros em que seja possível abordar tanto a sequência didática como os conhecimentos dos grãos em sala de aula. Também me proporcionou excelente experiência de me desenvolver como docente.

Por fim, espera-se que em trabalhos futuros seja possível aplicar o material didático produzido para os alunos desta população. Para que se possa entender os impactos, na relação de ensino aprendizagem, ao abordar os conhecimentos científicos e os conhecimentos populares que estão tão difundidos não só no cotidiano dos alunos, mas sim nas vidas da população do Quilombo Dona Juscelina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOROZO, M.C.M. **A abordagem Etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. In: DI STASI, L.C. *Plantas medicinais: arte e Ciência*. São Paulo: UNESP. 1996. P. 47-68.

ARRUTI, José Maurício. **Políticas públicas para quilombos: terra, saúde e educação**. In: PAULA, Marilene; HERINGER, Rosana (Org.). *Caminhos Convergentes: Estado e Sociedade na Superação das Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll Stiftung, 2009. p. 79.

BADKE, M. R; RESSEL, L. B; BUDÓ, M. L. D; SILVA, F. M. **Plantas medicinais: O saber sustentado na prática do cotidiano popular**. *EscAnna Nery*. 2011, v.1, p.132-139.

BRASIL, Constituição (1988). **Atos das Disposições Constitucionais Transitórias, Art. 68, de 5 de outubro de 1988**. Brasília. 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. **Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Brasília: *Diário Oficial da União*, 21 de novembro de 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11963rceb008-12-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 de abril de 2021.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica- Resolução Nº 8**, de 20 de novembro de 2012. Disponível em. Acesso em 22/10/2017.

BORGES, Arystóteles Franklyn Chaves. **O festejo da abolição, na comunidade quilombola dona Juscelina/Muricilândia-TO: o turismo cultural e patrimônio imaterial**. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Gestão de Turismo, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2019.

Camargo, M. T. L. A. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil/Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo**. – 1ª ed. – São Paulo: Ícone, 2014.

Campos, M. C., & Gallinari, T. S. (2017). **A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E AS ESCOLAS QUILOMBOLAS NO BRASIL/Quilombola school education and quilombola schools in Brazil**. *REVISTA NERA*, (35), 199–217.

CHASSOT, A. I. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: Unijuí, 2003.

CARRIL, Lourdes. **Terras de Negros : Herança de Quilombos** / Lourdes Carril. – São Paulo : Scipione, 1997. – (Ponto de Apoio).

FERREIRA, A. L. S.; BATISTA, C. A. S.; PASA, M. C. **Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola mata cavalo em Nossa Senhora do Livramento-MT, Brasil.** Biodiversidade, v.14, n.1, 2015.

FIABANI, A. **O quilombo antigo e o quilombo contemporâneo: verdades e construções.** Associação Nacional de História-ANPUH. XXIV Simpósio Nacional de História, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREITAS, D. (1984). **Palmares – A guerra dos escravos.** Porto Alegre: Mercado Aberto.

FLEISCHER, David. **Fazendo seu próprio caminho: as comunidades quilombolas do Brasil.** Inter American Foundation, 2011. Disponível em: <https://www.iaf.gov/pt/content/historia/making-their-own-way-brazils-quilombola-communities/>. Acesso em: 24 de Mar. 2024.

FURTADO, M.B; SUCUPIRA, R.L; ALVES, C.B. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural.** Psicologia e Sociedade, p. 106-115, 2014

GOMES, Irene. **Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas em 1.696 municípios.** Agência IBGE Notícias, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios>. Acesso em: 24 de Mar. 2024.

GONÇALVES, Regina dos Santos; SANTOS, Silvia Gécica da Conceição; BARBALHO, José Ivamilson Silva. **COMUNIDADES QUILOMBOLAS: LUTAS E RESISTÊNCIAS.** Revista de Ciências Humanas CAETÉ 2020. V2. No3, p. 36-54.

GONDIM, M. S. C. e MÓL, G. S. **Saberes populares e ensino de ciências: possibilidades para um trabalho interdisciplinar.** Química Nova na Escola, n. 30, p. 3-9, 2008

LIMA, F. F.; SILVA, R. M.; MARTINS, T. F. R. DE O. **Comunidades Quilombolas, Autoatribuição, Território e Sobrevivência Cultural: Aspectos Relevantes do Território Ocupado por Comunidades Remanescentes de Quilombos no Brasil.** Cadernos da Escola de Direito, v. 2, n. 15, 4 mar. 2015.

LOPES, A. R. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MAESTRI, MÁRIO. **“Terra e liberdade: as comunidades autônomas de trabalhadores escravizados no Brasil.”** In: AMARO, Luiz Carlos [Org.]. Afro-brasileiros: história e realidade. Porto Alegre: EST, 2005.

MARINHO, M.L.; M, S.; RODRIGUES, M.L.C.; ROTONDANO, T. E.F; VIDAL, I.F.; SILVA, W.W.; ATHAYDE, A.C.R. **A utilização de plantas medicinais em medicina veterinária: um resgate do saber popular.** Ver. Bras. Pl. Med., Botucatu, v.9, n.3, p.64-69, 2007.

MASSI, L; JÚNIOR, C. S. L. **Produção de Sabão no Assentamento Rural Monte Alegre: Aspectos Didáticos, Sociais e Ambientais.** Química e Sociedade, São Paulo, v. 41, n 2, p. 124-132, 2018.

MATOS, F.J.A. **Farmácias vivas: sistema de Utilização de plantas medicinais projeto para Pequenas comunidades.** Fortaleza: EUFC; 2002. 267p.

MONTELES, R.; PINHEIRO, B.U.C. **Plantas Mediciniais em um quilombo maranhense: uma Perspectiva etnobotânica.** Revista de Biologia e Ciência da Terra. V.7, n.2, p. 17-37. 2007.

MOURA, G. **Educação Quilombola.** Revista Salto para o Futuro. p.1-41, 2007.

NETO, M. A. P. **Territórios e trajetórias socioespaciais da comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – Tocantins.** 2021. 103 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

NUNES, G. H. L. (2022). **EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E LEI 10639/03: CARTOGRAFIAS TERRITORIAIS E CURRICULARES.** *Identidade!*, 19(2), 89–99. Recuperado de http://198.211.97.179/periodicos_novo/index.php/Identidade/article/view/1734

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. **Território e Territorialidade nos Limites do Rural e Urbano na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – TO.** Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Araguaína: UFT, 2018.

POMEROY, D. **Science education and cultural diversity: mapping the field.** *Studies in Science Education*, n.24, p. 49-73, 1994.

QUILOMBO? **Quem Somos Nós!: O que é Quilombo?.** [S. l.], 1 jun. 2018. Disponível em: <https://conaq.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SALES, G. P. S; ALBUQUERQUE, H. N; CAVALCANTI, M. L.F. **Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim-Areia-PB.** Revista de biologia e ciência da terra, n.1, p. 31-36, 2009.

RESENDE, D. R; CASTRO, R.C; PINHEIRO, P.C. **O saber popular nas aulas de Química: relatos de experiência envolvendo a produção de vinho de laranja e a sua interpretação no ensino médio.** Química Nova na Escola, n.3, p. 151-160, 2010.

RIBEIRO JÚNIOR, José Hortêncio. Tutela inibitória nas Ações Coletivas-Instrumento eficaz na preservação da dignidade da pessoa humana e na erradicação do trabalho escravo ou degradante. In. _ et al (Org.). **Ação Coletiva na visão de juízes e procuradores do trabalho.** São Paulo: LTr, p. 135-156, 2006.

SANTOS, Katiane da Silva. **DO PASSADO AO PRESENTE: A Festa da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO.** Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Araguaína: UFT, 2018.

SOUSA, L. C. C; SANTOS, G. D; MÂCEDO, J. S; SANTANA, L. A. **Plantas medicinais, condimentos e o saber popular.** Revista Saúde e Meio Ambiente-RESMA-UFMS-Três lagoas, v.13, n.1, p. 17-24, 2021.

SOUSA, Elaine da Silva. **Protagonistas de sua história: territorialidades femininas da comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO.** 2021. 141f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Nacional, 2021.

SOUZA, B, O. **Movimento quilombola: reflexões sobre seus aspectos político-organizativos e identitários.** Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Bahia, 2008.

SAMPAIO, A. C.; PACHECO, A. C. L. **Mulheres Griôs quilombolas: um estudo inicial sobre identidade de gênero e identidade étnica.** Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural, Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 5, n. 2, p. 55–70, 2016.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 10ª ed. Campinas: Autores Associados, 2008

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 11 ed. Campinas: Autores Associados, 2011

_____. **O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico cultural.** Germinal: Marxismo e Educação em Debate, v. 7, n. 1, p. 26-43, 2015.

SEVERINO, V. G. P . et al . **De uma prosa e uma planta, um remédio: saberes tradicionais no uso medicinal de plantas na Comunidade Coqueiros.** Goiânia: Editora UFG, 2021.

Tavares, S. A; Barbosa, M. C. S; Campos, C. A. C; Lucena, A. G. **Plantas medicinais**. DF: EMATER-DF, 2015.

VENQUIARUTO, L. D.; DALLAGO, R. M.; VANZETO, J. e DEL PINO, J. C. **Saberes populares fazendo-se saberes escolares: um estudo envolvendo a produção artesanal do pão**. Química Nova na Escola, v. 33, n. 3, p. 135-141, 2011.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **À Procura das Bandeiras Verdes: viagem, missão e romaria – Movimentos sócio-religiosos na Amazônia Oriental**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2001.

VILAR, D. A. [et al...]. **Plantas medicinais: um guia prático**– Aracaju: ed. IFS, 2019.

XAVIER, P. e FLÔR, C. **Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências**. Ensaio, v. 17, p. 308-328, 2015.

ZABALA, A (1998). **A prática Pedagógica: como ensinar**. Porto Alegre, Artmed.